#1, 2019 www.britishcouncil.org.br

revista Mulheres na Ciência

VAMOS FALAR DE CIÊNCIA?
Conheça o novo programa do British Council voltado ao fortalecimento das mulheres no universo científico

REPRESENTATIVIDADE DA MULHER NEGRA
Se o acesso de meninas e mulheres ao conhecimento científico e à carreira acadêmica oferece desafios a serem enfrentados, as dificuldades para as mulheres negras são ainda maiores

UM LUGAR ENTRE AS ESTRELAS
Entrevista com Duília Fernandes de Mello, astrônoma, astrofísica e uma das cientistas brasileiras mais reconhecidas internacionalmente

BRITISH COUNCIL

EDITORIAL

WOMEN IN SCIENCE

A ciência é há muito tempo considerada um reduto masculino, e quando pensamos em inventores e cientistas, nomes como Isaac Newton, Charles Darwin e Alexander Fleming vêm logo à mente. Mulheres cientistas, entretanto, tendem a existir nas sombras e são raramente citadas na mesma frequência que seus pares masculinos.

Em parte, isso reflete a falta de oportunidades para meninas e mulheres construírem carreiras em ciência, matemática e engenharia. Estereótipos de gênero significam que, historicamente, menos mulheres do que homens tiveram a chance de desenvolver seus talentos e perseguir seus interesses em ciência. No entanto, qualquer sociedade que adote essa abordagem atualmente está simplesmente subutilizando metade da sua capacidade intelectual disponível.

Há ainda exemplos documentados de mulheres que não foram reconhecidas por suas contribuições à ciência. Um dos casos mais notórios é o de Rosalind Franklin, uma química britânica nascida em 1920 que não foi reconhecida por sua contribuição para o anúncio da dupla hélice do DNA, nos anos 1950. O prêmio Nobel de Fisiologia e Medicina foi concedido em 1962 para Francis Crick, James Watson e Maurice Wilkins, deixando Rosalind de fora da história por mais de meio século, quando seu trabalho foi finalmente reconhecido.

Atualmente, Sue Black, uma cientista de tecnologia da informação reconhecida internacionalmente; Lesley Yellowlees, a primeira mulher a presidir a Royal Society of Chemistry, no Reino Unido; e Sunetra Gupta, uma famosa epidemiologista, são exemplos de mulheres entre alguns dos nomes mais importantes na ciência.

Nosso objetivo no British Council é reconhecer e divulgar modelos femininos na ciência e demonstrar para futuras gerações o valor de carreiras científicas para meninas e mulheres. O Brasil já tem um número maior de mulheres do que de homens no ensino superior – tanto na graduação como na pós –, mas ainda há espaço para avanços, especialmente nas ciências exatas e em posições de liderança no meio acadêmico.

Em novembro de 2018, anunciamos o programa Women in Science no Museu do Amanhã, no Rio de Janeiro, em evento paralelo à primeira edição do Festival WoW – Mulheres do Mundo na América Latina, para o qual o British Council trouxe uma delegação de mulheres cientistas do Reino Unido.

O Women in Science tem como objetivo estimular que mais meninas e mulheres se dediquem às disciplinas de ciência, tecnologia, engenharia e matemática na escola e na universidade e sigam carreiras em tais áreas.

Trabalhando em conjunto com nossos parceiros, estimularemos a discussão sobre como encorajar uma maior participação de mulheres na ciência e buscaremos superar barreiras para que isso de fato aconteça, também estreitando os elos entre mulheres cientistas no Brasil e no Reino Unido.

Espero que esta publicação estimule o leitor a refletir sobre o papel da mulher na ciência, hoje e no futuro.

Martin Dowle

DIRETOR DO BRITISH COUNCIL NO BRASIL

EXPEDIENTE

Equipe British Council

Martin Dowle
DIRETOR DO BRITISH COUNCIL NO BRASIL

Diana Daste
DIRETORA DE EDUCAÇÃO

Vera Regina Oliveira
GERENTE SÊNIOR DE EDUCAÇÃO SUPERIOR E FUNDO NEWTON

Simone Ricci
GERENTE DE PROJETOS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR

Raíssa Daher
GERENTE DE PROJETOS DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

Patricia Santos
ANALISTA DE EDUCAÇÃO

Thalita Crompton
ANALISTA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR

Alessandra Micheletti
Maria Fernanda Chagas
ESTAGIÁRIAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR

Fernanda Medeiros
GERENTE SÊNIOR DE MARKETING

Juliana Ferreira
GERENTE DE MARKETING DIGITAL

Guilherme Schroeder
ANALISTA DE MARKETING DIGITAL

Equipe editorial

EQUIPE DE REPORTAGEM
Alessandra Brandão
Alice Martins Moraes
Ana Paula Morales
Bárbara Paes
Catarina Marcolin
Érica de Mello Silva
Gabriela Nestal de Moraes
Hingrid Yara
Janaína Dutra
Rafaela Lopes Falaschi
Rebeca Bayeh
Renata Fontanetto
Rossana Soletti
Vanessa Brasil
Zaika dos Santos
Zélia Maria da Costa Ludwig

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Patricia Santos

PRODUÇÃO EDITORIAL E EDIÇÃO
Ana Paula Morales | Data14 Consultoria

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Adriana Campos | dorotéia design

ILUSTRAÇÃO
Andressa Meissner

REVISÃO
Daisy Silva de Lara

As opiniões expressas são de responsabilidade dos autores e não representam necessariamente as do British Council.

O British Council é a organização internacional do Reino Unido para relações culturais e oportunidades educacionais. Está presente em mais de 100 países e seus principais parceiros incluem governos, organizações não governamentais e instituições privadas. Promove cooperação entre o Reino Unido e o Brasil nas áreas de língua inglesa, artes, esportes, sociedade e educação.

www.britishcouncil.org.br

SUMÁRIO

[WOMEN IN SCIENCE]
VAMOS FALAR DE CIÊNCIA? 4

8 MULHERES NA CIÊNCIA E A CIÊNCIA DAS MULHERES

CIÊNCIA, COMUNICAÇÃO E **MULHERES EM REDE** 14

[INSPIRAÇÃO]
CONSTRUINDO **PONTES** 18

24 DE FRENTE COM **UMA CIENTISTA**

30 ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO PELO **OLHAR DAS CRIANÇAS**

34 **ELES COM ELAS** PELA IGUALDADE DE GÊNERO

[TRAJETÓRIAS]
A QUÍMICA DA TRANSFORMAÇÃO 38

44 DESAFIOS NAS TRAJETÓRIAS PROFISSIONAIS

MATERNIDADE NA BALANÇA 52

MULHERES CIENTISTAS **PELO MUNDO** 49

REPRESENTATIVIDADE DA **MULHER NEGRA** 58

AFROFUTURISMO **NO WoW** 62

[RECONHECIMENTO]
UM LUGAR ENTRE AS ESTRELAS 64

68 **MULHERES** QUE GOSTARIA QUE ESTIVESSEM AQUI

DIÁRIO DE BORDO 74

VAMOS FALAR DE CIÊNCIA?

DIANA DASTE
DIRETORA DE EDUCAÇÃO DO BRITISH COUNCIL
FOTO: ROBERTO CHAHIM

Falar de ciência é falar de curiosidade, oportunidade, perguntas em efervescência, transformações e descobertas. Falar de ciência é falar de crescimento estrutural, social, humano e individual

Assumir a importância da diversidade para a ciência é crucial, pois proporciona análises a partir de variados acessos e perspectivas, expandindo as fronteiras do conhecimento. A ciência também é crucial para a diversidade, pois quando aplicada e relevante para diferentes identidades sociais, resulta em modelos de desenvolvimento mais ricos, inclusivos e representativos.

Por isso, é de vital importância gerar e apoiar modelos que estimulem a diversidade nas ciências, principalmente nas exatas, e que incorporem um olhar de gênero com foco no engajamento, reconhecimento e liderança de mulheres e meninas no fazer científico. Reconhecendo os desafios e os potenciais nesse intento, o British Council desenhou o programa **Women in Science**, cujo objetivo é o de fortalecer vínculos entre mulheres e meninas – brasileiras e britânicas – nas ciências, nos âmbitos individual e institucional, para transformar padrões de influência e fortalecer esquemas de liderança e gênero nas ciências exatas.

A iniciativa, liderada pelo British Council Brasil, visa promover uma ciência mais diversificada e representativa através da troca de experiências e conhecimento entre mulheres cientistas e instituições científicas no Brasil e no Reino Unido, impactando as dimensões de: interesse, desempenho e reconhecimento. Um dos objetivos no médio prazo é a consolidação do **UK-BR Women in Science Association** – uma rede autônoma de mulheres cientistas de ambas as nações.

A ESCOLHA DOS BRINQUEDOS – BONECAS PARA MENINAS, PEÇAS DE MONTAR E CARRINHOS PARA MENINOS –, POR EXEMPLO, FAZ UMA GRANDE DIFERENÇA NA CONSTRUÇÃO DE ARQUÉTIPOS

Apesar de contribuírem substancialmente no universo científico, as mulheres continuam majoritariamente invisíveis (em quantidade, reconhecimento e influência) nos campos STEM (sigla em inglês para ciência, tecnologia, engenharia e matemática). As razões para isto perpassam as dimensões sociais, culturais e estruturais, e acontecem em vários momentos da vida dessas mulheres, desde a infância até a vida adulta.

Desde cedo, quando têm oportunidade de formação, meninas são estimuladas a avançar em carreiras mais ligadas ao cuidado, enquanto os meninos são encorajados a se engajarem em atividades técnicas e científicas. No Brasil, as mulheres são maioria no ensino superior – elas correspondem a 60 por cento dos títulos de grau universitário em 2016, de acordo com dados do **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep)**. Os estereótipos de gênero associados a certas carreiras e a falta de referências, no entanto, as mantêm distantes de determinados cursos universitários. Mulheres são uma clara minoria nas ciências, matemática e computação.

A escolha dos brinquedos – bonecas para meninas, peças de montar e carrinhos para meninos –, por exemplo, faz uma grande diferença na construção de arquétipos e na geração de confiança para empreender certas atividades. Os professores muitas vezes reproduzem esses padrões na sala de aula. Além disso, são poucas as referências femininas no material pedagógico, o que torna imperativo visibilizar modelos nesse sentido para quebrar estereótipos através do reconhecimento, experimentação, apoio e inspiração.

Em estágios mais avançados da carreira, o panorama denota uma assimetria na distribuição e influência das mulheres. No Brasil, apenas um em cada quatro pesquisadores seniores A1 é mulher – nível mais alto entre as categorias estabelecidas pelo **Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)**. Ainda, o investimento concedido no grupo de produtividade em pesquisa é de até 100 milhões a mais aos homens, de acordo com a organização Gênero e Número. Essa assimetria evidencia os vários desafios das mulheres no âmbito da pesquisa e liderança científica, entre eles a maternidade, o preconceito e o trabalho doméstico, fatores de grande influência em suas carreiras no mercado de trabalho em geral e no ambiente científico em particular. Tais estatísticas preocupam também por denotarem limitações sistêmicas para absorver e aproveitar a riqueza científica gerada por mulheres no país e no mundo. Segundo dados da Unesco, menos de 30 por cento dos profissionais e pesquisadores em STEM na atualidade são mulheres. E isto certamente não ocorre por falta de capacidades ou competências. É preciso fortalecer espaços de discussão que permitam estabelecer políticas e iniciativas que reconheçam as especificidades e barreiras vivenciadas pelas mulheres e que apoiem o acesso, a liderança e a influência das cientistas. É preciso também identificar, apoiar e construir as capacidades demandadas para avançar nessa agenda.

FALAR DE CIÊNCIA IMPLICA PENSAR NOS MODELOS QUE SÃO COLOCADOS COMO REFERÊNCIA E NOS ELEMENTOS QUE SÃO CONSIDERADOS COM MAIOR OU MENOR FORÇA NAS PONDERAÇÕES, NAS CONCLUSÕES

O **Women in Science** aposta no poder das redes para fortalecer capacidades e gerar transformação. O programa nasce a partir de uma abordagem de multiparceria, reconhecendo a necessidade de somar esforços, saberes, competências e recursos para construir as bases que darão sustentabilidade e autonomia ao projeto.

Falar de ciência implica pensar nos modelos que são colocados como referência e nos elementos que são considerados com maior ou menor força nas ponderações, nas conclusões. É necessário falar de ciência e problematizar o tema, para resolver.

Esta publicação é a primeira de muitas que irão documentar os debates, as conquistas e demais elementos na consolidação de redes de Mulheres na Ciência e as suas contribuições para um fazer científico mais representativo, mais diverso, mais rico.

Vamos falar de ciência?
Fica o convite!

MULHERES NA CIÊNCIA E A CIÊNCIA DAS MULHERES

POR ANA PAULA MORALES

FOTO: DIVULGAÇÃO

Programa do British Council fortalece os vínculos femininos no universo científico por meio da capacitação, promoção da agenda e fortalecimento de redes

No último século, as mulheres vêm conquistando espaços na vida social, política e profissional que por muito tempo foram restritos aos homens. Os avanços são vários, e figuras femininas ocupam hoje papéis de liderança em diversos setores da sociedade. Em alguns ambientes, no entanto, a equidade de gênero ainda é uma realidade distante, com desafios a serem enfrentados. "O mundo da ciência não é exceção – são várias as conquistas, mas que ainda precisam ser mais visibilizadas, por ser um universo historicamente dominado por homens, especialmente nas áreas de ciência, tecnologia, engenharia e matemática [STEM, na sigla em inglês], afirma Diana Daste, diretora de Educação do British Council.

No Brasil, apesar de as mulheres representarem 49 por cento do total da produção científica nacional, segundo dados da editora Elsevier publicados no estudo "Gender in the Global Research Landscape", a análise dos dados, quando separados por área, revela um cenário bastante diferente. Enquanto as brasileiras são maioria na área da saúde, correspondendo a 73 por cento dos pesquisadores em enfermagem, por exemplo, nas exatas a situação se inverte: elas somam apenas 29 por cento dos pesquisadores em engenharia. No mundo todo, as mulheres ainda compõem menos de 30 por cento dos pesquisadores em todas as áreas.

Considerando esse cenário, o British Council criou o programa **Women in Science**, que tem como objetivo fortalecer os vínculos de meninas e mulheres nas ciências, com foco nas exatas, para transformar os padrões de influências e estimular a liderança e a equidade de gênero. De acordo com Diana, que coordena o projeto, a motivação para a criação do programa veio, por um lado, de um contexto interno, uma vez que a equidade, a diversidade e a inclusão compõem os valores institucionais do British Council e permeiam ações em diversas de suas plataformas programáticas, como educação básica, inglês, ensino superior, ciências, artes e economia criativa. Por outro lado, o impulso foi dado pelo "contexto externo, relacionado à realidade nacional e internacional no que se refere ao reconhecimento e inserção das mulheres na ciência", conta.

> Acreditamos que o reconhecimento do trabalho de mulheres cientistas também gera inspiração
>
> **Diana Daste**,
> diretora de Educação do British Council

DESDE CEDO

O programa foi consolidado a partir de uma pesquisa encomendada pelo British Council sobre a legislação, as políticas públicas e a institucionalidade da questão da representatividade feminina na ciência brasileira. O estudo identificou, a partir de dados empíricos, os desafios que se manifestam ao longo da vida de meninas e mulheres e desenhou oportunidades de atuação em três dimensões – interesse, desempenho e reconhecimento.

"Se pensarmos nas fases da vida em uma linha do tempo, os primeiros desses desafios são a falta de modelos inspiradores e também um certo desestímulo para que as meninas se aproximem das ciências", analisa Diana. De acordo com estudo publicado na revista *Science*, em 2017, a partir dos seis anos de idade as meninas passam a se achar menos inteligentes do que os seus colegas do sexo masculino – até então elas se consideravam tão inteligentes quanto eles.

Esse tipo de percepção negativa em relação ao seu próprio gênero pode ser um fator de influência no desempenho e nas escolhas das jovens ao longo da vida. De acordo com o Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa) de 2015, mesmo apresentando um maior desempenho, as meninas manifestam menor autoconfiança em sua habilidade para resolver problemas de matemática ou de ciências do que os seus colegas da mesma idade. Em relação às escolhas profissionais, menos de cinco por cento das meninas planejam seguir carreira em engenharia ou informática – tal proporção é quatro vezes maior entre os jovens do sexo masculino.

De acordo com Luis Felipe Serrao, gerente sênior de Educação Básica do British Council, a instituição tem desenvolvido ações de formação de professores e discussões sobre o currículo escolar, no âmbito do programa Core Skills. Isso envolve abordar o ensino de ciências trabalhando também competências essenciais como o pensamento crítico, o letramento digital, entre outras. "Fazemos um trabalho voltado para diferentes sujeitos da escola, considerando também a perspectiva de gênero. Isso passa por levar materiais que tragam essas referências [de mulheres na ciência] e também ajudar os professores a fazerem um trabalho mais específico de engajamento das meninas nas áreas de ciências e exatas", conta.

TETO DE VIDRO

Uma das apostas do programa **Women in Science** é a consolidação de uma rede de atores articulados do Brasil e do Reino Unido – a **UK-BR Women in Science Association** – que promova o fortalecimento das cientistas a partir de iniciativas conjuntas e de trocas de experiências na questão de gênero e liderança. Além de intercâmbios profissionais e de estudo, serão realizados simpósios, mesas redondas e diálogos políticos em que serão discutidos temas que estão na agenda das mulheres na ciência. "Queremos abordar o assunto dentro da academia e também levá-lo para o público mais amplo. Acreditamos que o reconhecimento do trabalho de mulheres cientistas gera inspiração", conta Diana.

O desenvolvimento de capacidades e lideranças é um dos focos do programa, uma vez que a proporção feminina tende a cair conforme aumenta a hierarquia na carreira científica. Para se ter uma ideia, as mulheres representam 60 por cento das pessoas que se formam em cursos de graduação, de acordo com dados do Censo da Educação Superior 2016, elaborado pelo **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep)**. Apesar de serem maioria na graduação, essa parcela é reduzida em estágios mais avançados da carreira acadêmica: a representatividade feminina entre o total das bolsas de produtividade em pesquisa concedidas pelo **Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)** era de apenas 35,5 por cento em 2015. Subindo ao topo da carreira, os números caem ainda mais – apenas 25 por cento dos pesquisadores da categoria sênior do CNPq são mulheres.

Algumas ações já vêm sendo desenvolvidas pelo British Council no sentido de capacitação de grupos que ainda são minorias em determinadas áreas da ciência. Nos anos de 2017 e 2018 foram lançadas duas rodadas do programa de Bolsas de Estudos de Mestrado para Grupos Sub-Representados na Ciência no Brasil pelo Fundo Newton, iniciativa do governo britânico que visa promover o desenvolvimento social e econômico dos países parceiros, por meio de pesquisa, ciência e tecnologia. Das 13 bolsas concedidas no período, 70 por cento foram para mulheres.

DE UM MODO GERAL, EXISTE EQUIDADE DE GÊNERO NA DISTRIBUIÇÃO DE BOLSAS DO CNPQ, MAS CONFORME MAIS ALTOS OS NÍVEIS, MENOR É A PRESENÇA FEMININA

35,5%

Na categoria produtividade em pesquisa (acima do doutorado)

1 em cada 4 pesquisadores da categoria Senior (nível A1) é mulher

Fonte: Gênero e Número

PONTAPÉ INICIAL

O anúncio do programa **Women in Science** aconteceu em novembro de 2018, no Rio de Janeiro, em atividade paralela ao Festival WoW – Mulheres do Mundo. "O fórum escolhido para o anúncio [do programa] foi muito rico, pois tivemos a oportunidade de ter mulheres de diversas partes do Brasil e do mundo contribuindo para a discussão. Foi um espaço que permitiu explorar sob vários ângulos o que é ser mulher na ciência", relata Nina Best, gerente sênior de Sociedade do British Council.

Idealizado em 2010 por Jude Kelly, então diretora artística do Southbank Centre, em Londres, o Festival WoW – do inglês, Women of the World – veio pela primeira vez para a América Latina depois de passar por 23 países da Europa, Ásia e África. No Brasil, o evento foi realizado pela Fundação WoW e pela organização de base comunitária carioca Redes da Maré, com apoio do British Council. A edição brasileira contou com rodas de conversa, partilhas de trajetórias, oficinas e uma intensa programação artística e cultural – tudo pensado para celebrar as conquistas das mulheres e promover a discussão sobre os desafios para alcançar a igualdade de gênero nos mais diversos aspectos da vida contemporânea.

AS MULHERES JÁ SOMAM METADE DA FORÇA PRODUTIVA EM CIÊNCIA NO PAÍS

Mas a distribuição por área ainda é desigual:

73%
dos pesquisadores em enfermagem são mulheres

29%
dos cientistas em engenharia são do sexo feminino

Fonte: Gender in the Global Research Landscape

Uma das contribuições do British Council, já no âmbito do programa **Women in Science**, foi levar ao festival uma agenda com ênfase na questão da mulher na ciência. Em um escopo mais amplo, a instituição apoiou os diversos encontros que aconteceram em várias partes da cidade do Rio de Janeiro, ao longo do ano que antecedeu o evento, para discutir os temas para os painéis de debate. "A metodologia do festival prevê uma curadoria inclusiva, por meio desses encontros, para que sejam colhidas as demandas das mulheres da cidade, que são incluídas na programação do festival", conta Nina.

Como parte da programação prévia do festival, o British Council realizou, em parceria com o Museu do Amanhã, um treinamento em divulgação científica com 15 mulheres – entre pesquisadoras das áreas de STEM e jornalistas/divulgadoras de ciência – de todas as regiões do país. Uma das atividades do workshop foi a documentação da agenda científica do Festival WoW por meio de matérias jornalísticas, entrevistas, vídeos e podcasts (os conteúdos que compõem esta revista foram resultados dessa atividade).

De acordo com Meghie Rodrigues, pesquisadora da Diretoria de Desenvolvimento Científico do Museu do Amanhã, os principais objetivos da capacitação foram dar visibilidade para mulheres que fazem ciência, promover uma prática mais sólida em divulgação e despertar o olhar delas para as questões de gênero que envolvem o universo científico. A intensa troca de experiências e vivências entre as participantes, no entanto, permitiu ir além. "A meu ver, o ponto mais forte do treinamento foi a criação da uma rede. As atividades serviram como gancho para elas se unirem e fortalecerem o compromisso que já tinham com a pauta das mulheres na ciência", avalia.

A parceria com o Museu do Amanhã já acontece em diversas ações do British Council, e pretende se fortalecer e se expandir no contexto do **Women in Science**. De acordo com Diana, "uma das premissas do programa é estabelecer multi-parcerias com instituições e grupos com características complementares e que possam enriquecer o projeto com conhecimento, apoio financeiro e legitimidade. São várias as instituições que se enquadram em mais de uma dessas categorias", afirma.

Depois do sucesso dessa primeira experiência, as ações de capacitação em divulgação científica para mulheres continuarão na pauta do programa. Para Diana, a importância do engajamento delas na divulgação da ciência passa pela "questão da visibilidade, como também do fortalecimento de capacidades e da facilitação da carreira científica das mulheres", como uma forma de desenvolvimento da comunicação não somente entre pares, mas também com o público mais amplo. Trata-se, portanto, de fornecer ferramentas para que as mulheres conquistem novos espaços. "Essa intervenção foi focada nelas, mas o seu impacto é mais amplo e passa pela diversidade e riqueza de conteúdos que são gerados, dos quais nos beneficiamos todos", finaliza.

"Pesquisa demonstra que a partir dos 6 anos as meninas começam a se achar menos inteligentes"

Fonte: Science

CIÊNCIA, COMUNICAÇÃO E MULHERES EM REDE

POR PATRICIA SANTOS
FOTOS: GABI CARRERA

Três momentos em que uma oficina foi além da formação de cientistas e divulgadoras de ciência

Inspirar meninas para a carreira científica, mudar estereótipos da profissão de cientista, dar visibilidade às realizações de mulheres pesquisadoras. Estes são alguns dos desafios quando se fala sobre gênero e academia e, entre eles, há uma necessidade em comum: um novo olhar para a forma como se comunica a ciência.

Com a proposta de fomentar esse debate e também oferecer capacitação, o British Council realizou uma oficina de divulgação científica entre 14 e 15 de novembro de 2018. A atividade fez parte da programação prévia ao Festival WoW – Mulheres do Mundo realizado dos dias 16, 17 e 18 do mesmo mês, no Rio de Janeiro.

A oficina envolveu 15 mulheres de todas as regiões do país, selecionadas a partir de uma chamada aberta: oito cientistas das áreas de STEM (ciência, tecnologia, engenharia e matemática) sem experiência em comunicação, e sete profissionais que já atuam na divulgação de ciência.

Realizado no Museu do Amanhã, parceiro da iniciativa, o evento foi além da formação. Representou mais uma semente para fortalecer a discussão sobre gênero e ciência, para aproximar visões de cientistas e divulgadoras do norte ao sul do Brasil e, sobretudo, para mostrar a importância de se promover conexões entre cientistas, mulheres e o público em torno do tema. Confira alguns desses momentos:

1. REPENSANDO A COMUNICAÇÃO

A oficina se dividiu em dois dias, o primeiro comandado pela pesquisadora, apresentadora, escritora e comediante britânica Timandra Harkness. A partir de técnicas de entrevista e de apresentação em público, a ideia foi instigar as participantes para que formulassem estratégias para esse tipo de comunicação pensando em audiência, aspectos verbais e não verbais, duração e formato.

Timandra falou ainda sobre a importância da narrativa quando se busca engajar o público nos assuntos de ciência. Com dicas para promover a confiança e a fluência das participantes na comunicação, algumas experimentaram adicionar o tom emocional em suas apresentações, outras usaram o humor, entre diferentes possibilidades criativas para divulgar ciência.

Enquanto realizavam esses exercícios, as cientistas e divulgadoras precisavam identificar o que poderiam aprender a partir das apresentações das colegas e dar feedbacks críticos e construtivos umas às outras, de maneira a evoluírem não apenas individualmente mas também de forma coletiva.

> "ALI NASCEU UMA VONTADE DE SAIR DO MEU LUGAR DE CONFORTO DAS MÍDIAS MAIS TRADICIONAIS E OCUPAR OUTROS ESPAÇOS DE COMUNICAÇÃO"
> **Alessandra Brandão**

2. ESPAÇOS PARA CONQUISTAR

O segundo dia da oficina foi liderado por Mariana Fioravanti, bióloga e divulgadora científica especialista em mídias sociais. Após um panorama sobre como as mídias sociais são consumidas atualmente e sobre os potenciais de diferentes plataformas, Mariana apresentou cases, conceitos e falou sobre estratégias para a produção de conteúdo de divulgação.

"Ali nasceu uma vontade de sair do meu lugar de conforto das mídias mais tradicionais e ocupar outros espaços de comunicação. Acredito que, no meu retorno, vou mobilizar minha equipe de bolsistas para eu participar mais efetivamente das mídias sociais que estamos criando para os projetos", comentou Alessandra Brandão, jornalista e professora universitária.

O desconforto mencionado por Alessandra esteve presente nas falas de outras participantes. A medida em que a oficina trazia novas informações ou levava as participantes a revisitar conceitos já conhecidos, provocava também reflexões sobre gênero, raça, condição social, territorial, como as mulheres se diferenciam em sua atuação na ciência e quais os aspectos que as aproximam e as fortalecem.

"Eu estava entre tantas mulheres maravilhosas, com objetivos em comum. Nunca me senti tão livre e segura, mas ao mesmo tempo me senti imensamente triste quando vi na prática que nem todas estiveram imunes a agressões e preconceitos como eu estive", comentou a entomologista e divulgadora científica Rafaela Lopes Falaschi. Ela destaca a importância da conexão entre mulheres: "cada uma apoiando a próxima, de maneira afetiva e concreta também".

3. MODELOS, PARCERIA E INSPIRAÇÃO

Depois da oficina, as participantes tiveram como tarefa fazer a cobertura jornalística de assuntos relacionados à ciência que faziam parte da programação do Festival WoW 2018. Os temas lançados pelas formadoras para essa cobertura foram à altura das discussões que permearam a capacitação.

Como conciliar carreira científica e maternidade; onde estão as mulheres com deficiência, transgênero e negras; o que há em comum ou diferente entre mulheres de diversos países na ciência; como a ciência (e as cientistas) podem ajudar a quebrar estereótipos ligados a gênero e diminuir a desigualdade entre homens e mulheres. Estes, entre outros assuntos, foram temas sugeridos às participantes.

Em grupos, elas escolheram suas pautas e o formato das produções – vídeo, texto ou áudio – gerando a maior parte do conteúdo que você encontra nas páginas desta revista.

A interação entre cientistas, divulgadoras e mulheres participantes do Festival WoW 2018 – dos mais diversos repertórios e de diferentes partes do Brasil e do mundo – foi muito além das matérias produzidas, como relata a bióloga molecular e divulgadora científica Bárbara Paes. “Eu vislumbrei como o mundo poderia ser nesses dias aqui no Rio de Janeiro e agora eu quero nada menos do que tudo, para mim, para todas as mulheres e meninas por aí. Vai ser um problema para quem resolver se colocar entre tudo o que o mundo tem a oferecer e eu. E nós, todas nós. Boa sorte para eles, porque nós não precisamos de sorte. Temos umas às outras”.

Construindo **pontes**

POR ÉRICA DE MELLO SILVA, COM COLABORAÇÃO DE RENATA FONTANETTO
ILUSTRAÇÃO: ANDRESSA MEISSNER

A física Priscilla Andressa de Souza Silva, professora assistente do curso de engenharia aeronáutica da Universidade Estadual Paulista (Unesp), em São João da Boa Vista, no interior de São Paulo, foi a vencedora por voto popular da etapa brasileira do FameLab 2018 – uma competição internacional de divulgação científica criada pelo Festival de Ciência Cheltenham e realizada em mais de 32 países pelo British Council

Priscilla foi a única representante das ciências exatas entre os finalistas. Graduada pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e doutora pelo Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), ela participou do Festival WoW – Mulheres do Mundo 2018 como convidada para a roda de conversa "Mulheres na ciência e a potência do trabalho realizado em rede" e, em sua palestra, falou sobre a importância das conexões. Nesta entrevista, Priscilla destaca a divulgação científica feita por mulheres e ressalta como a capacitação pelo FameLab otimizou seu trabalho como divulgadora. "Nós temos que fazer a ponte, levar para a população, de forma compreensível, o entendimento do que estamos produzindo nas universidades", afirma.

O QUE ABSORVI NO FAMELAB FOI PENSAR NAS MINHAS APRESENTAÇÕES DE UMA FORMA MENOS ACADÊMICA E MAIS INCLUSIVA, PORQUE NÓS, CIENTISTAS, TEMOS A TENDÊNCIA DE CADA VEZ MAIS NOS ESPECIALIZAR EM UM ASSUNTO

O QUE A TROUXE AO FESTIVAL WOW - MULHERES DO MUNDO?

PRISCILLA: Foi a oportunidade de participar de um evento, que trata da temática feminina em diversas áreas – nas artes, na cultura, nas ciências. Como eu coordeno um projeto de extensão universitária chamado Ciência no Feminino, que tem como objetivo ir às escolas e incentivar meninas a desenvolverem carreiras nas áreas das engenharias e das exatas através do resgate de expoentes femininos, de modelos femininos de sucesso, eu achei que seria um ambiente bem interessante para ouvir, falar, trocar experiências sobre essa temática tão importante para nós, mulheres cientistas.

O QUE LEVOU VOCÊ A FAZER DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA?

PRISCILLA: Quando eu terminei meu doutorado, passei uns cinco anos fazendo pós-doutorado. Durante esse tempo eu não tive contato com alunos de graduação, no sentido de dar aula, de passar para eles aqueles conhecimentos básicos do início da nossa carreira. Estava restrita ao mundo da pós-graduação, onde há pessoas que já têm uma certa maturidade científica, e quando eu passei no concurso na Unesp, minhas primeiras turmas foram do primeiro ano. Então eu tive uma preocupação muito grande em usar uma linguagem adequada, porque eles estão ali para adquirir conhecimentos técnicos, científicos, teóricos e experimentais que os levem a fundamentar as bases de suas carreiras. Eu tentei usar uma linguagem que pudesse atingi-los, e isso acabou me levando à comunicação científica. Embora sejam duas coisas diferentes, o ensino em graduação e a comunicação para um público mais leigo, acho que os dois processos passam por uma sistematização do que você vai falar, de uma forma diferente do que a gente fala numa conferência científica para pessoas da nossa área, com conhecimentos técnicos um pouco mais elevados.

VOCÊ FOI A VENCEDORA POR VOTO POPULAR DA ETAPA NACIONAL DO FAMELAB 2018. COMO FOI ESSA EXPERIÊNCIA?

PRISCILLA: Quando eu estava nesse contexto de dar aulas para alunos de engenharia do primeiro ano, recebi um e-mail institucional divulgando um concurso de comunicação científica chamado FameLab, que eu confesso que não conhecia. Mandei um vídeo, escrevi e acabei sendo selecionada entre os trinta semifinalistas. Depois passei para a final e ganhei na categoria voto popular. Então 2018 foi para mim um ano de descobertas – eu não tinha envolvimento com a

comunicação científica antes disso e, de repente, tudo isso aconteceu na minha vida. Agora esse é um tema que tem muito destaque para mim, que sem dúvida vou explorar ao longo da minha carreira.

COMO O FAMELAB AJUDOU EM SEU TRABALHO?

PRISCILLA: Tudo que eu aprendi durante o FameLab foi muito importante, mas foi um pontapé inicial. Acho que o que absorvi dos workshops, das discussões, foi pensar nas minhas apresentações de uma forma menos acadêmica e mais inclusiva, porque nós, cientistas, temos a tendência de cada vez mais nos especializar em um assunto. Começa na iniciação científica, aí vai para o mestrado, depois doutorado, e a coisa vai afunilando. Quando chegamos no pós-doutorado, somos especialistas em uma área extremamente específica. E temos uma linguagem muito específica da nossa área também. Então o principal ganho no FameLab foi adquirir a habilidade de voltar lá na minha iniciação científica, quando eu ainda não tinha uma linguagem tão técnica, e poder falar sobre o assunto que agora conheço com mais profundidade de uma forma um pouco mais compreensível para quem não tem esse conhecimento técnico. Eu acho que essa é a principal habilidade que comecei a desenvolver a partir do FameLab. A segunda, eu acredito que seja a de pensar na apresentação realmente como algo orgânico. Antes disso, nunca haviam me ensinado a preparar uma apresentação usando técnicas de storytelling ou de stepping stones (em que você não decora a sua apresentação, mas vai passando por diversos pontos importantes), que são recursos que a gente pode implementar até mesmo em comunicações bastante especializadas, não apenas na comunicação científica para o público em geral ou na divulgação. Esses são aprendizados que já tenho colocado em prática, e inclusive acredito que isso ajudou a melhorar as minhas aulas! Não era o objetivo do FameLab, mas acho que ganhei uma consciência sobre as coisas das quais eu falo, e isso pode ter melhorado um pouco minhas aulas.

INFELIZMENTE, A ACADEMIA APRESENTA MUITAS BARREIRAS PARA O CRESCIMENTO FEMININO. [...] EU ACREDITO QUE SABER SE COMUNICAR, TANTO EM NÍVEL ACADÊMICO COMO PARA O PÚBLICO EM GERAL, É UMA DAS CHAVES PARA QUE POSSAMOS MUDAR ESSA REALIDADE

NÓS TEMOS QUE SER CAPAZES DE DAR UM RETORNO À SOCIEDADE SOBRE O QUE ESTAMOS FAZENDO

A QUAIS PROJETOS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA VOCÊ TEM SE DEDICADO?

PRISCILLA: Depois do FameLab comecei a gravar alguns vídeos no YouTube, o que é uma coisa um pouco complicada por causa da falta de tempo. A nossa carreira docente na universidade tem diversos braços – além do ensino, tem a pesquisa, a extensão e a parte administrativa, à qual a gente dá suporte. Então é complicado achar esse tempo, mas sempre que eu consigo preparo um material e dou continuidade, aos poucos, à gravação de vídeos para o YouTube. Tenho um canal chamado Curta Ciência – espero em breve dar um up nele e continuar com o trabalho como divulgadora para o grande público. Além disso, o grupo do FameLab se reuniu e montou um evento de comunicação científica, liderado pelo professor Breno Salgado, na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). E tem alguns outros projetos que estou desenvolvendo – por exemplo, me envolvi na organização de uma Semana de Engenharia lá no campus. São coisas que foram despertadas em mim por esse viés da comunicação científica. Outro projeto que é muito querido é o Ciência no Feminino, que na verdade já existia antes do FameLab, mas que depois dessa experiência ganhou consciência de ser comunicação científica também. Apesar de o projeto ser voltado para o resgate do papel feminino na ciência, promovendo a visibilidade de nomes de mulheres que são cientistas e que não são conhecidas, eu acho que ele ganhou uma dimensão nova quando entrei no mundo da comunicação científica. Depois do FameLab, a continuidade do projeto já tem essa ótica de comunicar, de levar a ciência para estudantes do ensino médio.

QUAL É O PÚBLICO-ALVO DESSES PROJETOS?

PRISCILLA: No projeto de extensão o nosso público-alvo são alunos do ensino médio, em geral, com condição socioeconômica precária e, principalmente, meninas. Os meninos, obviamente, não são excluídos. Eles também participam com a gente dos nossos encontros, das palestras, dos trabalhos e pesquisas biográficas. Nessas pesquisas a gente procura conhecer aspectos da vida de mulheres que foram relevantes para a ciência, junto com os estudantes. Assim, os levamos a produzir e a se interessarem pela pesquisa. Então não é algo que a gente ensina através de palestras; a gente repassa para eles fazerem. Além disso, o canal no YouTube, bem como todo o restante do meu trabalho de comunicação, é voltado para o público leigo. Procuro usar uma linguagem que possa ser compreendida não somente por pessoas que já têm interesse por ciência, mas também por pessoas que não se interessam pela área, não sabem o que é, nem como se faz e nem para o que serve.

POR QUE VOCÊ ACREDITA SER IMPORTANTE SABER COMUNICAR A CIÊNCIA?

PRISCILLA: Eu acredito que saber se comunicar é extremamente importante para qualquer profissional, em qualquer área. Para o cientista também, principalmente porque aqui no Brasil nós somos financiados, em grande parte, por agências públicas, ou seja, o dinheiro que banca as nossas pesquisas vem da contribuição da população. Então nós temos que ser capazes de dar um retorno à sociedade sobre o que estamos fazendo. Nosso retorno não é o falar, é o produzir, mas essa informação tem que chegar até a comunidade de forma compreensível. Uma grande parte das pessoas aqui no Brasil está completamente desconectada do que os cientistas estão fazendo, e eu acho que é nosso papel fechar essa lacuna. Nós temos que fazer a ponte, levar para a população, de forma compreensível, o entendimento do que estamos produzindo nas universidades.

VOCÊ ACHA IMPORTANTE QUE CIENTISTAS MULHERES FAÇAM DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA?

PRISCILLA: Nós, em geral, principalmente no campo das exatas, somos em menor número. Então para dar destaque ao nosso trabalho, para tornar o nosso trabalho conhecido, temos que divulgá-lo tanto na academia como para o público em geral. Infelizmente, a academia apresenta muitas barreiras para o crescimento feminino. Nós ainda somos minoria em muitas áreas, principalmente nas exatas, e temos menos acesso a grants e a financiamentos do que os homens. Temos menos mulheres em lugares de destaque, em posições de poder dentro das universidades. Então eu acredito que saber se comunicar, tanto em nível acadêmico como para o público em geral, é uma das chaves para que possamos mudar essa realidade. Vai ser um processo longo, mas as mulheres precisam recuperar esse interesse por contar histórias. Contar sobre a nossa obra, sobre o nosso trabalho, de forma que as pessoas nos entendam e nos reconheçam como profissionais que somos, cientistas mulheres.

POR RENATA FONTANETTO,
COM COLABORAÇÃO DE ÉRICA DE MELLO SILVA

DE FRENTE COM

Quando pesquisadoras brasileiras e público estão em contato próximo, o diálogo flui e a inspiração acontece

O CÉU NOTURNO É O MEU LABORATÓRIO

Karín Menéndez-Delmestre, astrônoma da UFRJ

UMA CIENTISTA

Foto: Renata Fontanetto

MUITAS DELAS [MENINAS] ACHAM ESSE MUNDO DA CIÊNCIA DISTANTE DE SUAS REALIDADES. CONVIDEI A IRINA [FÍSICA] PARA CONVERSAR COM MEUS ALUNOS SOBRE ESSAS QUESTÕES

Ana Beatriz da Silva, professora em uma escola estadual carioca

A dinâmica é muito parecida com uma dança das cadeiras. Imagine oito cientistas sentadas lado a lado, esperando serem abordadas por curiosas e curiosos. Em frente de suas cadeiras, uma poltrona vazia espera ser ocupada. No total, 16 assentos formam oito duplas e compõem uma fila harmônica na atividade "Converse com uma cientista", que integrou a programação do Festival WoW – Mulheres do Mundo, realizado no Rio de Janeiro, em novembro de 2018.

As cientistas brasileiras são apresentadas pela jornalista **Meghie Rodrigues**, pesquisadora da Diretoria de Desenvolvimento Científico do Museu do Amanhã, que ficou com a missão de fazer a apresentação inicial de cada pesquisadora. Os nomes são de peso: a bióloga **Marília Zaluar**, a física de partículas **Irina Nasteva**, as astrônomas **Karín Menéndez-Delmestre** e **Erika Rossetto**, a filósofa e estudiosa de literatura e cultura brasileira **Leinimar Pires**, a biomédica **Gabriela Nestal**, a astrofísica **Josephine Rua** e a ecóloga **Maria Alice Alves**.

Quando é dada a largada, o público escolhe sua cientista, acomoda-se e pergunta o que quiser durante 15 minutos. Terminado o tempo, é chegada a hora de conhecer outra pesquisadora e recomeçar o processo.

A conversa geralmente flui a partir da pergunta quebra-gelo "O que você faz?". A astrônoma Karín Menéndez-Delmestre conta para uma mãe e uma filha que há físicos que preferem a teoria, enquanto ela curte mais a pesquisa observacional. "Eu observo galáxias distantes e depois estudo o que observei no laboratório da universidade", explica. Para Karín, que estuda a formação e transformação de galáxias na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o céu noturno é o seu "laboratório". Um dos eventos astronômicos que observa, por exemplo, são os sistemas que estão em vias de colisão, como as galáxias Via Láctea e Andrômeda, a nossa vizinha mais próxima. "Mas não se preocupem. Isso só vai ocorrer daqui a cerca de quatro bilhões de anos", alerta a pesquisadora em meio a sorrisos.

Foto: Érica de Mello Silva

A mãe e filha da conversa são **Cirene Ribeiro** e **Mariana Ribeiro**, respectivamente. Aos 14 anos, Mariana ama o programa de reality show *MasterChef* e já demonstra paixão pela gastronomia. Atenta ao futuro da filha, Cirene gosta de incentivar a reflexão sobre diferentes profissões e acompanha Mariana nessa jornada de descoberta. Uma profissão, em especial, tem sua admiração: a de professor. "As pessoas falam que não vão fazer faculdade para ser professor porque ganha pouco. Se ninguém mais for professor, como vai ser?", questiona Cirene.

ELA ME DEU CONSELHOS E DISSE "SIGA EM FRENTE PORQUE A ACADEMIA É FEITA PARA GENTE QUE VEM DA PERIFERIA TAMBÉM"

Carolina Marinho, 31

Algumas cadeiras adiante, a física Irina Nasteva conversa com **Ana Beatriz da Silva**, professora em uma escola estadual em Brás de Pina, na zona norte do Rio de Janeiro. A seu ver, é essencial estimular a participação das meninas nas ciências. “Muitas delas acham esse mundo da ciência distante de suas realidades. Convidei a Irina [física] para conversar com meus alunos sobre essas questões. Ela me disse que quando cursou graduação só havia ela e mais outra mulher numa turma inteira”, expõe Ana, que também desenvolve pesquisa com questões de raça e gênero.

A NOSSA CIDADE PRECISA DE MAIS OPORTUNIDADES COMO ESSA. ÀS VEZES VOCÊ PODE ESTAR NO CENTRO DO RIO E QUEM ESTÁ PASSANDO DO SEU LADO É UM MULHERÃO E VOCÊ NEM SABE O QUE ELA FAZ

Carla Fabiana, 27

Quase ao final da sessão, Leinimar Pires foi rodeada por cinco mulheres que ouviam atentas a sua fala sobre filosofia ser ou não uma ciência. “Se pensarmos em saberes exatos, como a matemática e a física, filosofia não é uma ciência. Precisamos olhar a filosofia pelo contexto das ciências humanas: filosofia é, sim, uma ciência e está dentro dessa grande área das ciências humanas”, explica Leinimar, que se define, além de filósofa e estudiosa de literatura, como cervejeira feminista. Junto com outras mulheres, ela é responsável pelo Coletivo Cerveja da Mulher Guerreira, que foca na produção artesanal da bebida. Como intelectual negra, Leinimar também enxerga a importância de coletivos negros para que estudantes não se sintam sozinhos nos ambientes acadêmicos e não deixem situações de racismo passarem despercebidas. “Ter professores negros também é muito importante. Eu não tive”, lembra.

O formato da atividade agradou **Carla Fabiana**, de 27 anos, e **Carolina Marinho**, 31, mediadoras do WoW que aproveitaram a oportunidade para conversar com as pesquisadoras. "Você pode sentar lá e conversar com o seu ídolo. A nossa cidade precisa de mais oportunidades como essa. Às vezes você pode estar no centro do Rio e quem está passando do seu lado é um mulherão e você nem sabe o que ela faz", pontua Carla, que se formou em psicologia. Já Carolina, que estudou letras e comunicação, ficou contente por conversar com Leinimar. Segundo ela, não é sempre que uma mulher da periferia tem a chance de estar ao lado de uma cientista que estuda astrofísica, por exemplo, ou de mulheres com carreiras e trajetórias tão distintas. A conversa com Leinimar estimulou Carolina a pensar com confiança: "Ela me deu conselhos e disse 'Siga em frente porque a academia é feita para gente que vem da periferia também'".

TER PROFESSORES NEGROS TAMBÉM É MUITO IMPORTANTE. EU NÃO TIVE

Leinimar Pires, filósofa, estudiosa de literatura e cervejeira

Foto: Renata Fontanetto

POR ALICE MARTINS MORAES, BÁRBARA PAES E RAFAELA LOPES FALASCHI
ILUSTRAÇÃO: ANDRESSA MEISSNER

ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO PELO **OLHAR DAS CRIANÇAS**

Como é uma pessoa cientista? Perguntamos para meninos e meninas o que eles acham do assunto – e a imaginação voou alto

Ciência é uma opção de futuro para as garotas? Segundo o Instituto de Estatísticas da Unesco, apenas 28 por cento dos pesquisadores do mundo são mulheres. E, mesmo com os avanços no decorrer do tempo, as mulheres continuam sendo sub-representadas, principalmente nas áreas de ciência, tecnologia, engenharia e matemática (STEM, na sigla em inglês) e em especial em posições de liderança na pesquisa. Não é que elas não existam ou não façam ciência. É que à medida que os cargos sobem a representatividade das mulheres cai.

Estudos mostram que um dos motivos para essa desproporção é a construção de estereótipos ligados a gênero que envolvem, inclusive, a própria ciência. Um estudo feito na Suécia com 1327 estudantes, publicado na revista científica *Sex Roles*, em 2017, mostrou que a sensação de "pertencimento social" guiava a escolha de mais homens para carreiras em STEM e mais mulheres para áreas de saúde, ensino básico e doméstico, mesmo em um país com maior equidade de gênero.

Mas o que é o "pertencimento social"? De acordo com o estudo, adolescentes sentiam que se encaixariam melhor em áreas em que há maior presença do seu próprio gênero. E, numa espécie de ciclo vicioso, as meninas ainda parecem sucumbir ao estereótipo de não serem tão capazes quanto os meninos em áreas STEM, apesar de os terem superado em todas as disciplinas escolares.

"Uma pessoa cientista é quem descobre coisas interessantes. Ela cria fórmulas, descobre coisas de outros planetas, cria vacinas para prevenir as doenças, tem lupas que veem as estrelas, meteoros e pessoas também, algumas vezes. Elas vestem roupas que parecem de médico, aqueles casacos grandes brancos. O cabelo a gente tem de todos os tipos, não dá para diferenciar pelo cabelo. Eu poderia ser uma cientista, porque eu quero ajudar as pessoas, descobrir coisas que ninguém conseguiu explicar, identificar. Você parece uma cientista, por causa dos óculos."

Ana Vitória, 10 anos

>> Leia o QR code e ouça o áudio

Esse tipo de percepção pode começar muito antes de chegarem às universidades, ainda no início da vida escolar. Um outro estudo publicado por pesquisadores norte-americanos na revista *Science*, em 2017, mostra que garotas de cinco anos têm a mesma probabilidade de meninos de dizerem que "meninas podem ser muito, muito espertas". Dos seis anos em diante, no entanto, elas passam a achar que o brilhantismo é muito mais provável em garotos. Nessa mesma idade, as meninas desenvolvem maior interesse por jogos para crianças "que trabalham duro" do que aqueles para crianças "que são muito inteligentes". De novo, o fenômeno ocorre mesmo que essas garotas tenham melhor desempenho nas matérias escolares do que os seus colegas meninos.

Em que momento essas meninas são ensinadas que elas podem menos? No Festival WoW – Mulheres do Mundo 2018, todos os participantes foram convidados a discutir igualdade entre homens e mulheres, até mesmo as crianças. Nas oficinas "Brincando e construindo igualdade de gênero", meninas de 6 a 10 anos e meninos de 8 a 10 anos foram separados em grupos e convidados a brincar de casinha. Durante a atividade, as crianças foram estimuladas a refletir sobre o que é uma família e dividir aquilo que eles ouvem sobre o que podem ou não fazer por serem crianças, meninos e meninas.

Para os meninos, eles podem brincar de boneca, mas simplesmente não brincam. Todo mundo pode brincar do que quiser. Chorar não tem problema, todo mundo chora. Não tem problema o cabelo, não tem problema as roupas – "mas saia deve atrapalhar para jogar futebol", refletem.

As meninas não estavam tão convencidas. Elas ouvem que "menina não pode fazer bobagem, não pode fazer bagunça, não pode jogar bola, andar de skate, brincar de boneco e videogame, só pode brincar de boneca, fazer maquiagem", enquanto meninos "não podem fazer as unhas do pé". "Isso se chama machismo", argumenta uma delas, já familiarizada com os termos da discussão.

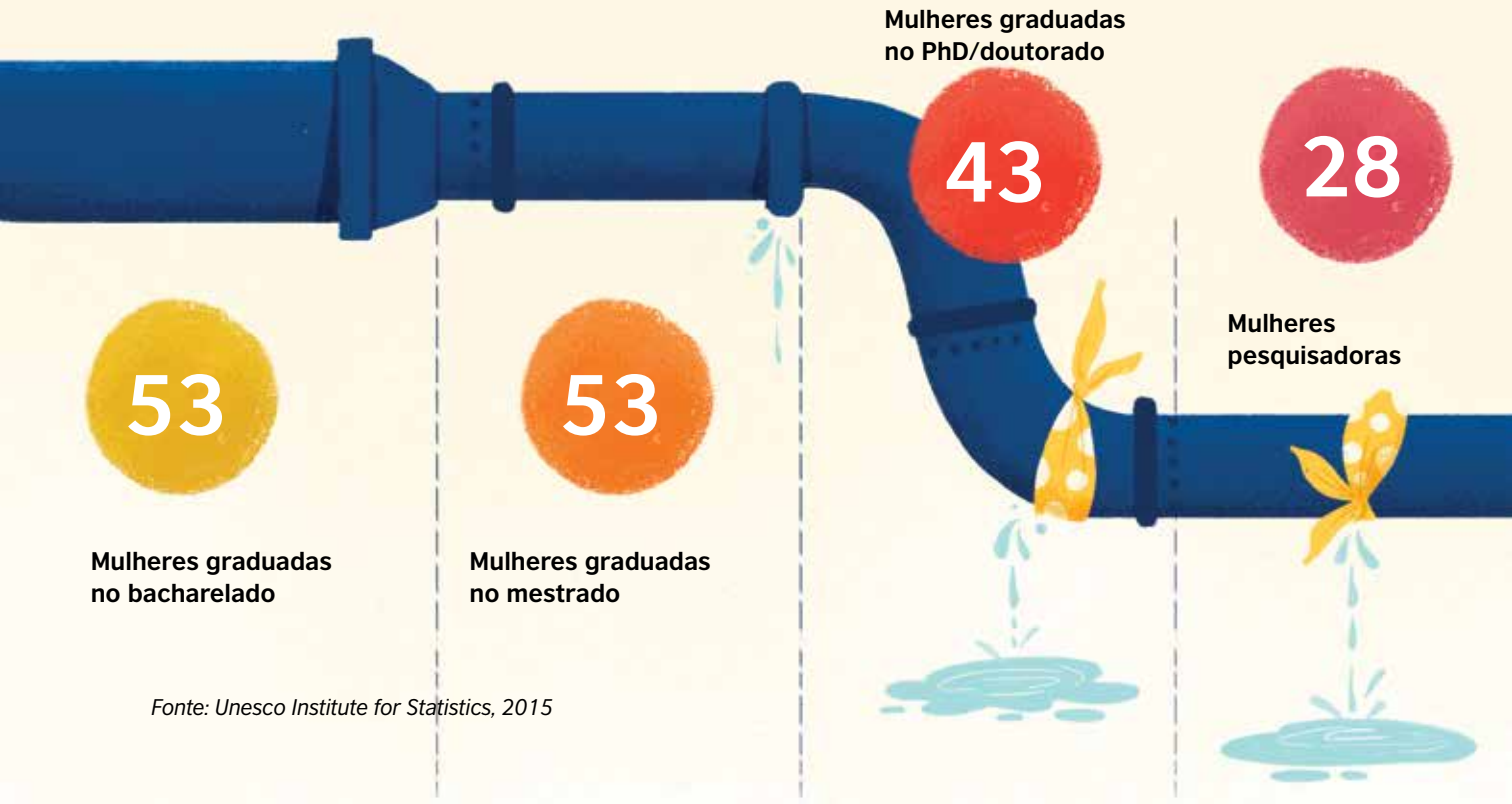
Observamos a prática de longe, com nossos olhares atentos, e depois entrevistamos as crianças para saber qual é a percepção que elas têm de um(a) cientista. Ao serem incentivadas a descrever a imagem de uma pessoa que faz pesquisa, as respostas foram diversas e a imaginação voou alto. Ana Clara, de 9 anos, imaginou uma cientista mulher, de pele morena, cabelos pretos e roupa azul. Já o José, 8 anos, pensou em um cientista homem de cabelo arrepiado e roupa branca.

Enquanto as crianças se expressavam e conheciam cientistas, o debate sobre os estereótipos de gênero na ciência esteve presente em diversos momentos do Festival WoW 2018. E assim, entre diálogos, trocas e brincadeiras, são desconstruídas, aos poucos, as percepções que ainda afetam nossas meninas e nossa sociedade. Pela compreensão que tivemos da sabedoria das crianças, parece que temos um futuro promissor. •

> "Eu gosto de fazer ciência, eu sou bem esperta, meus pais que falam isso. Eu acho que a pessoa cientista faz várias coisas diferentes, que as pessoas acham diferente. O cabelo eu não sei, pode ser de qualquer tipo. A roupa eu também não sei. Eu não conheço nenhum cientista."
>
> **Helena, 5 anos**

>> Leia o QR code e ouça o áudio

O VAZAMENTO NO ENCANAMENTO: PORÇÃO DE MULHERES NA EDUCAÇÃO SUPERIOR E PESQUISA, 2013 (%)



Fonte: Unesco Institute for Statistics, 2015

ELES COM ELAS
PELA IGUALDADE DE GÉNERO

A PATERNIDADE ENGAJADA É PARA QUEM QUER OU PARA QUEM PODE?

Daniel Lima, psicólogo

A busca da equidade entre homens e mulheres passa pela reflexão e redefinição de conceitos sobre o papel de ambos na sociedade

POR ÉRICA DE MELLO SILVA
ILUSTRAÇÃO: ANDRESSA MEISSNER

A luta por igualdade de gênero não deve ser só das mulheres – os homens também precisam se engajar. As contribuições que as mulheres podem trazer para a ciência, tecnologia e inovação, além da promoção de melhores condições de vida e justiça social genuína, são inúmeras. Para que esses avanços ocorram, no entanto, é preciso começar pela conscientização dos homens da importância de sua participação na construção de uma sociedade mais equânime. E esse processo passa necessariamente pela redefinição do que é masculinidade. "É difícil trazer os homens para a discussão de igualdade de gênero porque eles temem perder sua masculinidade e poder", afirma o psicólogo Daniel Lima, participante da roda de conversa sobre o tema realizada no Festival WoW – Mulheres do Mundo 2018, no Rio de Janeiro.

No evento, alguns homens dividiram suas experiências e as dificuldades enfrentadas no dia a dia por pessoas que, como eles, se juntam às mulheres pela causa comum da equidade de gênero. Buscando contornar esses desafios, Daniel trabalha a questão com seus pares através da paternidade. Para ele, enquanto o caminho de revolução das mulheres foi o de ocupar o mundo do trabalho, lutando por espaços tradicionalmente masculinos, a revolução dos homens deve ser para "dentro das famílias e das emoções". Daniel acredita que para que isso ocorra efetivamente "é preciso mudar o paradigma do que é 'força' para os homens". Na sua visão, eles precisam enxergar que assumir suas emoções e cuidar da família tanto quanto as mulheres é uma demonstração de força.

Avanildo Silva, agrônomo e ativista, aponta que “estar ao lado das mulheres é um caminho desafiador”. Para ele, aquelas que vivem em áreas rurais do Nordeste enfrentam, além do machismo arraigado, várias outras formas de opressão por serem nordestinas e, em sua grande maioria, negras.

O produtor cultural Henrique Gomes considera que ainda é muito difícil estabelecer um diálogo com os amigos sobre o feminismo, e conta que inclusive já perdeu trabalho por abordar o assunto. Mas ele não desiste: “Cada vez mais me manifesto nessa perspectiva”. Para ele, “aos poucos os homens estão aderindo [à causa do feminismo], mas ainda está longe de muitos deles terem essa postura”. Uma de suas maiores preocupações é com o futuro da filha diante da onda conservadora que se avizinha. Uma esperança, de acordo com Henrique, é a importância que o protagonismo feminino tem ganhado em programas como “A Maré que queremos”, projeto que reúne ações de mobilização na comunidade carioca que impactem diretamente na qualidade de vida dos moradores e do qual ele participa.

“Estar ao lado das mulheres é um caminho desafiador”

Avanildo Silva,
agrônomo e ativista

PÚBLICO E PRIVADO

A desconstrução de conceitos já fortemente estabelecidos na sociedade sobre o que é ser homem e o que é ser mulher, no entanto, não é simples. Para a advogada Sandra Valle, essa temática "deve ser discutida nos espaços políticos, que é onde nossa vida é pautada". Em consonância, Lima questiona: "A paternidade engajada é para quem quer ou para quem pode?". O psicólogo lembra que as condições sociais também são determinantes dessa possibilidade – homens pobres, por exemplo, muitas vezes não têm tempo de estar com sua família em função de uma longa jornada de trabalho. "Para o homem branco de classe média é fácil, mas o governo precisa fornecer condições para que todos possam assumir esse papel", defende.

> "Seu discurso público é o mesmo do seu dia a dia?"
>
> **Jude Kelly**, fundadora do Festival WoW

> "Aos poucos os homens estão aderindo [à causa do feminismo], mas ainda está longe de muitos deles terem essa postura"
>
> **Henrique Gomes**, produtor cultural

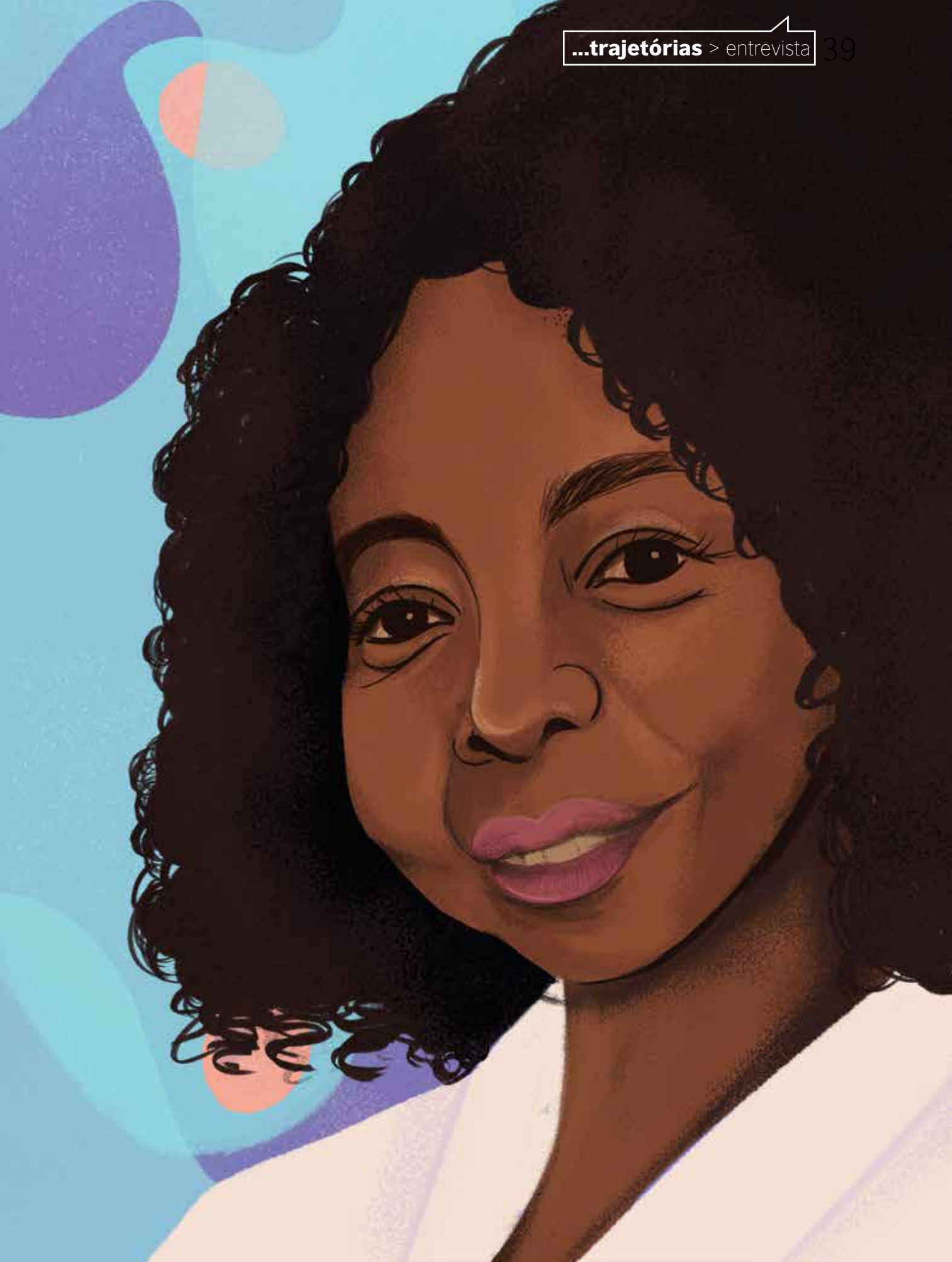
Ao encerrar a roda de conversa, Jude Kelly, fundadora do Festival WoW e mediadora da atividade, convidou os participantes, homens e mulheres, para a seguinte reflexão: "Seu discurso público é o mesmo do seu dia a dia?". Ela confessou que não considera o seu próprio discurso em prol da equidade de gênero integralmente condizente com suas atitudes no cotidiano. "As mulheres ainda tentam acomodar o poder dos homens", ponderou, no sentido de que é difícil até mesmo para as mulheres se desvencilharem de uma cultura machista tão arraigada. A despeito dessa dificuldade, Jude reforçou a importância de se manter posturas públicas e privadas caminhando juntas para que se alcance a equidade de gênero em todas as esferas, incluindo a de atuação da mulher na ciência. •

A QUÍMICA DA TRANSFORMAÇÃO

POR VANESSA BRASIL
ILUSTRAÇÃO: ANDRESSA MEISSNER

Cientista brasileira, Joana D'Arc Félix de Souza é especialista em reaproveitamento de resíduos do setor coureiro-calçadista para a produção de produtos para as áreas biológicas, da saúde, de química, agropecuária, energias renováveis e construção civil

Durante a sua formação, passou por instituições de renome nacional e internacional, como a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), onde cursou a graduação em química e desenvolveu sua pesquisa de doutorado, e a Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, onde fez pós-doutorado. Atualmente, é professora e coordenadora do curso técnico em curtimento na Escola Técnica Estadual Prof. Carmelino Corrêa Júnior, na cidade de Franca, no interior de São Paulo, onde desenvolve projetos de pesquisa com jovens em situação de vulnerabilidade social. Ao longo de quase 30 anos de carreira, já recebeu mais de 80 prêmios, com destaque para o Kurt Politzer de Tecnologia de "Pesquisadora do Ano", em 2014. Nesta entrevista, Joana destaca que seu maior orgulho é participar – e transformar – a vida dos seus alunos.



QUAL VOCÊ CONSIDERA O PONTO MAIS ALTO DA SUA CARREIRA ATÉ AGORA?

JOANA: Foi quando eu comecei a ver que era possível a transformação daqueles jovens envolvidos no tráfico de drogas e na prostituição. Aí sim, eu percebi que o meu trabalho estava sendo importante, porque estava transformando a vida de jovens. Quando eu comecei a desenvolver esse projeto lá na escola [com jovens em situação de vulnerabilidade social], eu tinha acabado de voltar dos Estados Unidos, eram sete bolsas de iniciação científica que eu distribuí para meninos envolvidos no tráfico de drogas e na prostituição. Passadas três semanas, um jovem de 14 anos me procurou, dizendo que não tinha mais perspectiva de vida. Quatorze anos é uma criança! Ele estava desesperado, entrou na minha sala e disse: "Professora, me arruma um negócio desse que os meninos estão recebendo? Eu vivo no meio dos traficantes e estou devendo para eles. Eu já tirei um monte de coisa da minha mãe para pagar e está [sic] faltando cinco reais. Eles disseram que se eu não pagar até a noite, eles vão me matar". Ele contou essa história e eu não sabia se era verdade, mas dei os cinco reais para ele e expliquei que teria que solicitar a bolsa, o que demoraria cerca de três ou quatro meses. No dia seguinte, eu entrei na escola e o diretor me disse: "Joana, tem um menino aqui que não quer entrar na sala de aula. Ele disse que trabalha para você e que quer uma vassoura para limpar a escola". Então eu vi um esforço tão grande dele, querendo sair daquela vida, que solicitei a bolsa. Enquanto o valor não chegava, paguei do meu próprio bolso. Foi um dos melhores investimentos que eu fiz na minha vida, porque hoje esse garoto faz doutorado em química na USP (Universidade de São Paulo), em Ribeirão Preto. Esse exemplo mostra a força que a educação científica tem na transformação de vidas. Acho que esse foi um dos momentos mais felizes da minha vida, porque eu vi que era importante o trabalho que eu estava fazendo.

E QUAL FOI O MOMENTO MAIS DIFÍCIL DA SUA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL?

JOANA: Foram dois momentos difíceis. O primeiro, quando eu estava no pós-doutorado há mais ou menos um ano e meio e, em um mês, faleceram minha irmã e meu pai. Depois, nos últimos seis meses do meu pós-doutorado, a minha mãe ficou muito doente e faleceu, no ano passado.

“EU PERCEBI QUE O MEU TRABALHO ESTAVA SENDO IMPORTANTE, PORQUE ESTAVA TRANSFORMANDO A VIDA DE JOVENS”

O QUE LEVOU VOCÊ A PERSISTIR NA CARREIRA, APESAR DAS DIFICULDADES?

JOANA: Desde pequena eu falava que queria fazer química. Eu nasci em uma casa de curtume e sempre que aconteciam situações desagradáveis, de exclusão, preconceito, racismo, eu tinha a motivação do meu pai. Ele dizia: "Estuda para ser alguém na vida". E isso foi uma das coisas que mais me motivaram, porque eu cresci ouvindo isso: "Estude para mostrar para essas pessoas que você vai vencer na vida". Essa estrutura familiar é muito importante, e também vejo isso pelos meus alunos. Eu sinto que os jovens já saem de casa desmotivados. [Eles dizem] "Meu pai diz que eu não vou ser nada, que a gente nasceu pobre, vai morrer pobre". Isso destrói a vida de qualquer um. Agora, no meu caso, eu tive a chance e a sorte de ter pais com sabedoria.

SE VOCÊ PUDESSE, MUDARIA ALGO EM SUA TRAJETÓRIA DE VIDA?

JOANA: Não. Eu passei por muitas dificuldades, muitas humilhações, mas todas elas foram importantes para o meu crescimento. Claro, naqueles momentos eu reclamava, [me perguntava] "por que isso acontece?". Teve um episódio bastante triste, que lembro até hoje. Eu estava na terceira série do ensino fundamental, com uns seis anos de idade. O meu pai comprava sapatos para a gente só final do ano, quando ele recebia o décimo terceiro salário. E quando furava, geralmente no meio do ano, colocava um papelão dentro do sapato; quando chovia, colocava uma sacolinha para proteger os pés. Em um desses dias de chuva, eu estava sentada no recreio e cruzei as pernas, não vi que estava aparecendo um pedaço da sacolinha no buraco do sapato. Aí veio um menino e disse: "Olha, está nascendo uma sacolinha do pé da negrinha fedida do curtume". Todos os meninos da escola vieram chutar meu pé, e isso durou uns vinte minutos. Não veio nenhuma professora, não veio nenhum diretor para me ajudar. Quando cheguei em casa, contei para o meu pai o que tinha acontecido e vi que caiu uma lágrima dos olhos dele... então ele foi pedir para o patrão um vale para comprar um sapato para mim. E no dia seguinte, o patrão dele trouxe um sapato para mim e eu fui com o sapato novo para a escola. E então os alunos falavam: "Olha a negrinha com um sapato novo".

E neste ano [2018], aconteceu uma coisa curiosa. Fui convidada para dar uma palestra no evento "Mulheres do Brasil", em Franca, no dia 26 de março, em um hotel – participaram em torno de 600 mulheres. Eu dei a palestra e formou uma fila para tirar foto comigo. Nela eu reconheci cinco pessoas: três delas participaram daquele episódio em que chutaram o meu pé na escola.

Eu tinha poucas amizades na infância, mas era amiga de uma garota de classe média e ela sempre me chamava para ir na casa dela. Um dia ela me chamou para ir ao aniversário de uma coleguinha. Era em um prédio, nós subimos e a mãe dessa coleguinha dela foi quem abriu a porta. Quanto ela me viu, falou: "O que você está fazendo aqui? Na minha casa não entra preto. Você vai descer, e vai descer pelo elevador de serviço". Imagina uma criança de oito ano ouvindo isso. E nesse dia [da palestra em Franca], as outras duas pessoas que reconheci na fila para tirar foto comigo eram a filha e a mãe que me colocaram para fora. A gente não sabe as voltas que a vida dá.

ELAS TE RECONHECERAM?

JOANA: Não...

VOCÊ ACREDITA QUE JÁ TENHA CHEGADO NO PONTO MAIS ALTO DA SUA CARREIRA?

JOANA: Não! Ainda há muitos jovens para serem recuperados. Acho que ainda não realizei nada, nada. Hoje eu tenho a satisfação de dizer que, neste ano [2018], eu estou com 20 alunos [bolsistas no projeto]. No começo do ano eu estava com cinco bolsas de iniciação científica. Mas no dia em que ganhei o prêmio "Faz Diferença" do jornal *O Globo*, em março, eu subi no palco, falei um pouco do projeto e tinha um empresário na plateia – ele inclusive é daqui do Rio de Janeiro – que pediu o telefone da escola. Na semana seguinte ele ligou perguntando se havia mais alunos naquela situação. Eu falei "é o que mais a gente tem aqui". Então ele disse: "Eu vou te dar 15 bolsas de iniciação científica e vou financiar o projeto desses meninos". Por isso agora estou com 20 bolsas. Meu trabalho é de formiguinha. E acho que ainda está no começo. •

SEMPRE QUE ACONTECIAM SITUAÇÕES DESAGRADÁVEIS, DE EXCLUSÃO, PRECONCEITO, RACISMO, EU TINHA A MOTIVAÇÃO DO MEU PAI. ELE DIZIA: "ESTUDE PARA SER ALGUÉM NA VIDA"

DESAFIOS NAS

Mulheres de diferentes áreas do conhecimento contam algumas das dificuldades enfrentadas por elas ao longo da carreira

TRAJETÓRIAS PROFISSIONAIS

POR ÉRICA DE MELLO SILVA,
JANAÍNA DUTRA, RENATA FONTANETTO E VANESSA BRASIL
FOTOS: DIVULGAÇÃO

É PRECISO COMBATER ESTEREÓTIPOS E PEQUENAS AGRESSÕES DIÁRIAS

"Eu acredito que os maiores desafios sejam dois: os estereótipos e as microagressões. Lutar contra os estereótipos é difícil quando se ouve desde a escola, mais agravado no ensino médio e depois na faculdade, que aquele não é o seu lugar. Mesmo que aquilo seja dito de uma maneira não considerada agressiva por algumas pessoas, porque elas já estão inseridas no contexto do estereótipo e por isso acham que é uma bobagem, uma superficialidade. Mas quando isso é dito todo o tempo, você fica com a ideia de que está em um lugar que não te pertence, de isolamento. Sobre as microagressões, é algo também nessa direção, algumas pessoas, que não sofrem com aquele estereótipo, ficam o tempo todo lembrando que aquele não é o seu lugar. Elas acham que isso é normal e que você não deveria se sentir tão mal, pois estão somente dizendo o óbvio."

Josephine Rua, astrofísica e editora do blog Cientistas Feministas

>> Leia o QR code e ouça o áudio

MATERNIDADE PRECISA SER CONTEMPLADA POR POLÍTICAS PÚBLICAS

"São inúmeros os desafios, principalmente as dificuldades impostas em algumas situações, por exemplo, os cuidados com a família e os afazeres domésticos. As mulheres, de maneira geral, têm uma amplitude maior de atuação nesse contexto familiar e essa questão muitas vezes não é entendida de maneira apropriada no universo científico. Eu acho que ainda é um desafio muito grande o entendimento da questão da maternidade, da interrupção das atividades da mulher nesse período, para que depois ela possa dar continuidade à sua vida acadêmica. Esse é um desafio muito importante que deve ser devidamente olhado, para que a mulher possa atuar de maneira integrada e atingir todo o seu potencial, que é tão bom quanto o do homem."

Maria Alice Alves, ecóloga e professora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (Uerj)

>> Leia o QR code e ouça o áudio

MENINAS NÃO SÃO ENCORAJADAS A SEGUIR CARREIRA NAS ÁREAS STEM

"São vários os desafios que as mulheres enfrentam nas áreas STEM (sigla em inglês para ciências, tecnologia, engenharia e matemática). Elas às vezes enfrentam o preconceito, o sexismo e a discriminação. Na verdade, os desafios começam até mesmo antes dos estudos, na família, pois as meninas não são encorajadas a estudar e a seguir uma carreira em STEM. Dentro da carreira, há poucas mulheres no geral [em áreas STEM], e menos ainda em posições mais altas. Existe uma dificuldade de subir na carreira, e parte disso vem das interrupções, por exemplo, com gravidez e filhos. Vale a pena insistir, pois vale a pena trabalhar com ciência. É algo que traz satisfação pessoal, satisfaz a nossa curiosidade intelectual. Vale a pena enfrentar esses desafios e tentar mudar essa realidade."

Irina Nasteva, pesquisadora de física de partículas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

>> Leia o QR code e ouça o áudio

REPENSAR ESPAÇOS EDUCATIVOS E DE PRODUÇÃO DO SABER

"Já é um desafio fazer ciência no Brasil porque poucas pessoas têm acesso ao ensino superior, onde a pesquisa científica é de fato desenvolvida. No caso específico das mulheres, há uma questão estrutural da sociedade que as afasta dos espaços externos à casa. Muitas vezes, ter um filho é um dificultador até para uma mulher que já tem uma vida científica minimamente estabilizada. Dentro dos próprios cursos ligados à ciência e à produção de conhecimento, de acordo com as estatísticas, o número de mulheres geralmente é menor que o de homens. Precisamos, primeiro, pensar o acesso à educação. E depois, ter políticas específicas para que as mulheres acessem os espaços científicos de produção do saber, permaneçam neles e tenham seus trabalhos concluídos. É importante persistir e resistir, porque não podemos ter campos que sejam dominados exclusivamente por alguns sujeitos. As mulheres precisam ter o seu espaço de produção do saber, assim como a socialização e a divulgação do seu trabalho. Isso vale também para as mulheres negras e indígenas, que também devem ter o seu espaço de produção reservado, para que tenhamos acesso ao maior número possível de discussões e saberes para a resolução de problemas."

Leinimar Pires, filósofa e pesquisadora de literatura e cultura brasileiras

>> Leia o QR code e ouça o áudio

CONFIAR NO PRÓPRIO TRABALHO É NECESSÁRIO

"Como mulher, enfrentamos várias dificuldades no campo das ciências exatas e das engenharias. Primeiro, porque há uma quantidade reduzida de meninas e mulheres nessas áreas, então há uma dificuldade de se enturmar. Uma vez que isso é vencido, outras das nossas dificuldades são sermos reconhecidas como profissionais e termos a nossa voz realmente ouvida. Ainda existe uma cultura muito masculina nessas áreas – espera-se que você seja extremamente competitiva, que desenvolva atitudes masculinas que não necessariamente a tornam uma cientista melhor. Precisamos mudar a imagem que os próprios cientistas têm deles mesmos, e a imagem que a sociedade tem desses profissionais. Também acho que precisamos lidar com as nossas próprias inseguranças, nossos próprios medos, e considerar que somos realmente capazes de fazer tudo o que um cientista homem faz. Temos na história exemplos maravilhosos de mulheres que fizeram coisas incríveis, mudaram as suas áreas de estudo e o mundo, e por isso temos que persistir. É importante não desistir dos nossos sonhos, pois eles nos levam muito longe."

Priscilla de Sousa Silva, física e professora de engenharia aeroespacial da Universidade Estadual Paulista (Unesp)

>> Leia o QR code e ouça o áudio

OS PROBLEMAS SÃO DIÁRIOS

"Meus principais problemas são externos, como o racismo, o machismo e a falta de oportunidades. Eu sou uma mulher negra e todos os dias eu preciso me lembrar disso, porque o machismo e o racismo não permitem que eu esqueça. Tenho que estar o tempo todo na defensiva, e isso cansa. Nos chamam de loucas, e esquecem que fazem de tudo para que a gente enlouqueça. Mas eu sigo lutando bravamente, porque eu tenho consciência de que muitas morreram para que hoje eu possa ocupar vários espaços. E eu preciso seguir em frente, por aqueles que ainda estão por vir, pelo meu filho e todas as crianças que precisam encontrar mulheres negras ocupando outros espaços que não sejam o da submissão."

Maíra Azevedo (Tia Má), jornalista, humorista, digital influencer e youtuber

>> Leia o QR code e ouça o áudio

O SENTIMENTO É INIGUALÁVEL

"O mais difícil na carreira como cientista é ver que ao longo do caminho tantas outras mulheres desistiram porque se tornaram mães, porque não queriam aguentar aquelas 'mordidinhas de mosquito', que são os comentários cretinos de um colega. Fui perdendo essas companheiras de luta, e então vi que eu tinha um trabalho, além do meu trabalho de cientista, de garantir que no futuro as mulheres não desistam da sua carreira por causa dessas mordidinhas. Sabe por quê? Porque essa carreira é linda. Quando você percebe que é a primeira pessoa que compreendeu alguma coisa no mundo, é um sentimento inigualável. É por isso que eu sou cientista. Eu persigo todos os dias esse sentimento – depois de muito trabalho, tem aquele instante de êxtase total. É um orgasmo!"

Márcia Barbosa, professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e membro titular da Academia Brasileira de Ciências (ABC)

>> Leia o QR code e ouça o áudio

MULHERES CIENTISTAS **PELO MUNDO**

POR HINGRID YARA E REBECA BAYEH

Os contextos sociais e culturais são diversos, mas há muitas semelhanças nas inspirações e dificuldades encontradas por mulheres que trabalham com ciência ao redor do globo

Sue Nelson defende que as mulheres precisam de modelos a serem seguidos

"Se você não pode ver, você não pode ser", afirma a física e jornalista britânica Sue Nelson, ao ser perguntada sobre o que a levou, enquanto ainda menina, ao universo da ciência. Para ela, as mulheres precisam ter modelos a serem seguidos. "Se você vê uma mulher fazendo o trabalho, você pensa 'eu também posso fazer isso!'", argumenta. Sue é autora do livro *Wally Funk's race for space* (The Westbourne Press, 2018), sobre a vida da pioneira aviadora norte-americana Mary Wallace "Wally" Funk, além de radialista e documentarista premiada. Hoje, ela produz vídeos de divulgação para a Agência Espacial Europeia e apresenta o podcast mensal *Space Boffins*.

Sue acredita que a ficção científica pode ser uma fonte de inspiração para as meninas, já que nesse universo as mulheres frequentemente são cientistas. Participante do Festival WoW – Mulheres do Mundo, que aconteceu em novembro passado no Rio de Janeiro, ela conta que uma de suas maiores inspirações na infância foi o seriado *Star Trek*, em que uma das personagens principais era uma mulher negra.

"Eu frequentei a universidade há 30 anos. Era muito incomum uma mulher cursar física, éramos apenas três em nossa turma", conta. Sue lembra que ela e suas colegas frequentemente ouviam que não deveriam ser físicas, pois estavam ocupando uma posição masculina, e que deveriam se casar. Ela acredita que, apesar de hoje haver um maior número de modelos femininos na ciência, o cenário ainda é parecido. "É preciso focar no que você gosta e não no que as pessoas dizem que você deveria fazer. É assim que você vence e se realiza. Para que a próxima geração veja que outras mulheres tomaram esse caminho antes delas", orienta.

DIFERENTES, PORÉM SEMELHANTES

O Festival WoW – Mulheres do Mundo 2018, realizado no Brasil com curadoria da idealizadora do festival internacional, Jude Kelly, e da diretora da organização Redes da Maré, Eliana Sousa Silva, contou com a participação de dezenas de cientistas brasileiras e estrangeiras que trabalham no mundo todo. As inspirações e os desafios enfrentados pelas mulheres no universo da ciência foram tema de debate em diferentes atividades, como mesas redondas e sessões de tutoria. Para a física búlgara Irina Nasteva, participante do evento, o machismo hoje é mais velado, mas ainda presente nas diversas sociedades, e há muitas semelhanças nas dificuldades encontradas por mulheres trabalhando com ciência ao redor do mundo. Irina, que cursou o doutorado no Reino Unido e hoje desenvolve pesquisa sobre física de partículas e leciona na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), afirma que hoje há mais mulheres trabalhando na área, o que possibilita a formação de redes de apoio entre elas. "Demora para mudar uma cultura e as atitudes, é preciso uma troca de gerações também. Mas acho que estamos no caminho certo", declara.

Josephine Rua, que também é física, concorda que há machismo no ambiente acadêmico no mundo todo, mas destaca algumas diferenças em relação ao tratamento que se dá ao tema a partir da sua experiência como pesquisadora em Paris. "Aqui [no Brasil] a gente ainda tem uma dificuldade enorme para falar sobre assédio moral e sexual nas universidades e nos centros de pesquisa", lamenta. Na França, de acordo com ela, o assédio é tratado como problema gerencial dentro das instituições. "Lá, você conta com uma equipe treinada para trabalhar e resolver questões de assédio moral e sexual dentro das próprias instituições".

A cientista participou de um workshop sobre mulheres na ciência no International Center of Theoretical Physics, na Itália, em 2015, e relata que foi possível observar os desafios encontrados coletivamente por mulheres em diferentes regiões do mundo. "Você vê as diferenças dos típicos casos latino-americanos, os típicos casos africanos, os típicos casos de países africanos que são muçulmanos", conta Josephine. Algumas barreiras na carreira muitas vezes são impostas até mesmo pelo país de origem, como é o caso de mulheres cuja nacionalidade as impede de entrar nos Estados Unidos e em alguns países da Europa, onde a maior parte dos congressos científicos internacionais acontece. "O problema é geral, mas é agravado pelas circunstâncias e pelo tipo de minoria da qual você faz parte", define.

Para Timandra Harkness, homens são mais encorajados a assumir riscos

REPRESENTATIVIDADE

A bióloga Ana Cláudia Gonçalves, que frequentou diferentes instituições durante a sua formação, conta que uma diferença notável entre os países pelos quais passou é a discrepância entre o número de mulheres e de homens no corpo docente e nos cargos de liderança. Graduada pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) com estágio sanduíche na James Cook University, na Austrália, e mestre em educação pela Universidade of Sheffield, na Inglaterra, ela relata que nesta última havia mais mulheres no corpo docente, inclusive em cargos de chefia de departamento. Durante a sua graduação na Paraíba, somente duas mulheres compunham o quadro do departamento.

A existência dessa diferença na representatividade de gêneros no meio acadêmico parece ser unanimidade entre cientistas que participaram do evento, mas as percepções individuais sobre as causas e as consequências do fenômeno são diversas. "Homens são socialmente mais recompensados por assumirem riscos", comenta a comediante, escritora e jornalista científica britânica Timandra Harkness. "Nós somos recompensadas quando obtemos sucesso. Mas você só pode obter sucesso quando assume riscos", completa.

Para Márcia Barbosa, física, professora titular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e membro titular da Academia Brasileira de Ciências, "no Brasil a gente finge que não tem problema, não há um reconhecimento que existe discriminação de mulheres na ciência [...] Só consigo trazer o assunto do preconceito para a academia com números e dados", desabafa. "Outra questão é o fato de que a universidade brasileira [apenas recentemente] começou a ter diversidade. Quando eu entrei na universidade só a elite econômica existia, então não existia problema." Há 20 anos trabalhando com questões de gênero na ciência, a física busca expor o problema para que haja regulamentação específica para as mulheres acadêmicas e uma mudança no processo educacional.

A experiência de Márcia mostra que o percentual de ingresso de mulheres nos cursos de graduação em física é baixo no mundo todo, e que a desproporção de gênero na área se agrava conforme evolui a carreira. Para ela, isso se deve a fenômenos comportamentais e culturais, que alimentam nas meninas a crença de que suas carreiras na ciência não vão vingar. "A gente tem que trabalhar essa linguagem que ensina para nossas crianças que coisas associadas a eletrônicos e a ferramentas são de homem. [...] O empoderamento feminino cresceu, mas o mundo responde de volta: teu cantinho é esse. Tu podes ser médica, estudar biologia, podes se preocupar com o meio ambiente, mas tu não vais desenhar computador, tu não vais fazer grandes descobertas. Precisamos sair do nosso cantinho", convoca.

Na mesma linha, a astrônoma brasileira Duília de Mello, vice-reitora da Universidade Católica da América em Washington DC, nos Estados Unidos, encorajou as cientistas em sua fala na mesa sobre mulheres na ciência espacial. "Não se preocupe se você ainda não sabe quais podem ser suas limitações [...]. Este não é o momento para ter timidez", afirma. Duília defende que apresentar uma atitude positiva, especialmente em um momento politicamente negativo para as mulheres e para a ciência, é um instrumento de transformação social. ●

MATERNIDADE NA BALANÇA

Mulheres cientistas defendem apoio à maternidade como uma importante agenda nos debates sobre ciência e gênero

POR ALESSANDRA BRANDÃO,
GABRIELA NESTAL DE MORAES
E ROSSANA SOLETTI
ILUSTRAÇÃO: ANDRESSA MEISSNER

Ser ou não ser mãe? Tão significativo como o dilema de Hamlet, cuja centralidade era a morte do pai, o tema da maternidade das mulheres cientistas envolve a decisão de gerar novas vidas, que estarão ligadas ao clima cultural do ambiente profissional da mãe. Esse ambiente, na maioria das vezes, insiste em silenciar que o trabalho científico de qualidade, como qualquer outra atividade humana, exige um nível de satisfação pessoal – que pode incluir a experiência da maternidade.

Esse silenciamento pode ter suas origens ainda no nascedouro da ciência moderna, no século XVI. Primeiro, porque uma quase total representação masculina entendia a atividade científica como inapropriada para mulheres, uma vez que ao homem se destina o trabalho produtivo e a elas o reprodutivo. Segundo, porque essa atividade foi vinculada à ideia de homens gênios, ou seja, que cultivam uma vida pessoal diferente dos demais membros da sociedade.

Para descortinar essa visão equivocada do trabalho científico, basta recorrer à mesma ferramenta valorizada pela ciência: os números. De acordo com o relatório "Gender in the Global Research Landscape", publicado em 2017 pela editora Elsevier, 49 por cento dos autores de publicações científicas brasileiras no período de 2011 a 2015 são mulheres – o que representa um aumento de 11 por cento em relação ao período anterior analisado, de 1996 a 2010. Apesar de representarem metade da força produtiva na ciência nacional, apenas 38 por cento das cientistas brasileiras se tornam líderes de grupos de pesquisa em suas áreas de conhecimento, denotando os desafios enfrentados por elas na ascensão na carreira acadêmica.

Durante o Festival WoW – Mulheres do Mundo, evento que reuniu, em novembro de 2018, no Rio de Janeiro, mulheres produtivas em diversas áreas, inclusive na pesquisa científica, entrevistamos pesquisadoras sobre o tema da maternidade e ciência, buscando entender como elas compreendem essa temática e conduzem suas carreiras, conciliando os diversos desafios da vida de cientista e os cuidados com filhos.

Um aspecto parece ser unânime entre as pesquisadoras: todas as entrevistadas concordam que o tema deve entrar na agenda política de gênero, uma vez que foi negligenciado ao longo do tempo. O que se percebe é que apesar de, na maioria das vezes, as mulheres realizarem um esforço excessivo para dar conta da produtividade acadêmica e dos cuidados com os filhos, sem o devido apoio, fica cada vez mais difícil alcançar toda a potencialidade da mulher na ciência. Como consequência, podemos pensar em pelo menos três situações distintas: i) a mulher que abre mão da maternidade por conta da carreira; ii) a que abre mão da carreira por conta da maternidade; ii) a que resolve conciliar pesquisa e maternidade e, possivelmente, vai encontrar muitas barreiras.

MÃES PESQUISADORAS: UM SUPER PODER?

Zélia Ludwig, professora da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e especialista em física experimental, se tornou mãe de uma menina em 2004. Segunda a pesquisadora, quando a sua filha nasceu “ainda não se discutiam as dificuldades das mulheres mães no meio acadêmico”. Contudo, Zélia carrega o trunfo das desbravadoras: foi a primeira professora do seu departamento a levar a filha para o laboratório e para sala de aula, numa tentativa de naturalizar a maternidade na academia.

Catarina Marcolin é oceanógrafa e professora da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB). Representante de uma nova geração de pesquisadoras, optou por ter filhos somente após a contratação em uma universidade. Essa estratégia tem ficado comum entre as cientistas. Contudo, mesmo com a estabilidade, ainda existirá o desafio da maternidade e produtividade.

Karín Menendéz-Delmestre é física, especialista em transformações das galáxias e professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A pesquisadora porto-riquenha lembra que a desatenção ao tema da maternidade consegue ser ainda mais cruel nos outros países por onde passou. Mãe de uma menina de dois anos e grávida da segunda, ela brinca dizendo que já está preparada para um segundo nível de queda na sua produção – mesmo não tendo se recuperado da primeira.

ZÉLIA CARREGA O TRUNFO DAS DESBRAVADORAS: FOI A PRIMEIRA PROFESSORA DO SEU DEPARTAMENTO A LEVAR A FILHA PARA O LABORATÓRIO E PARA SALA DE AULA

Vera Maria Ferreira da Silva, a mais experiente das pesquisadoras entrevistadas, é bióloga, especialista em mamíferos marinhos. Vera fez seu doutorado na Inglaterra, com suas filhas, há cerca de três décadas, logo depois da morte de seu marido. Na ocasião, elas tinham seis e quatro anos. Apesar do cenário difícil, ela conta que recebeu bastante apoio institucional no país, o que permitiu que terminasse os seus estudos.

NÃO É "MIMIMI"

Mães cientistas têm relatado, em diversos fóruns sobre o tema, tratamentos considerados injustos dentro do ambiente acadêmico, especialmente nas fases de gravidez e de cuidados mais intensos com filhos pequenos. Os relatos vão de preconceitos a rebaixamento em programas de pós-graduação, sob alegação de baixa produtividade.

As dificuldades em conciliar maternidade e carreira acadêmica são abordadas pelo grupo de pesquisa Parent in Science, fundado em 2017 pela bióloga gaúcha Fernanda Staniscuaski. Formado por cinco pesquisadoras mães e um pesquisador pai, o grupo nasceu com a motivação de discutir a realidade enfrentada por muitos docentes nas instituições brasileiras.

Atualmente, o grupo estuda o impacto causado pelos primeiros anos da maternidade na carreira científica das mulheres brasileiras. Segundo dados coletados até o momento, a publicação de artigos científicos pelas mulheres sofre uma queda nos três anos seguintes ao nascimento dos filhos. Tal fato estaria relacionado ao tempo de licença maternidade e aos cuidados intensivos com os filhos nos primeiros anos de vida. Contudo, os programas de pós-graduação e as agências de fomento não levam esse fator em conta quando são calculados os índices de produtividade.

A PUBLICAÇÃO DE ARTIGOS CIENTÍFICOS PELAS MULHERES SOFRE UMA QUEDA NOS TRÊS ANOS SEGUINTES AO NASCIMENTO DOS FILHOS

Outro problema relacionado à maternidade é obtenção de verba para a pesquisa. De acordo com estudo publicado em 2018 por pesquisadores da Universidade de Barth, no Reino Unido, conduzido com 262 cientistas, as acadêmicas com filhos pequenos têm mais dificuldade para acessar financiamento para suas pesquisas e gerar atenção para os seus resultados do que seus colegas do sexo masculino.

Experiências vividas por nossas entrevistadas mostram que, apesar de estar repleto de mulheres, o ambiente acadêmico ainda carrega valores predominantemente masculinos. A física Zélia conta que certa vez, ao ser escalada para uma atividade acadêmica de última hora, precisou justificar sua recusa pela necessidade de dar atenção à sua filha ainda pequena. O seu chefe na ocasião retrucou: "cada um com seus problemas", atribuindo um valor negativo à criança.

Apesar de ter construído uma produtiva carreira, Zélia não esquece o tamanho das dificuldades em se dividir entre São Paulo, onde a filha pequena ficava com a avó, e as aulas no interior de Minas Gerais. Em determinada ocasião ela abriu mão de um pós-doutorado no exterior, para acompanhar seu marido que também foi para estudar. "Ele não conseguiria estudar e ficar com a menina pequena", brinca.

A oceanógrafa Catarina relembra que na época de sua gravidez outros quatro colegas acadêmicos tiveram filhos, sendo três deles homens. Os impactos na produção, contudo, foram sentidos apenas pelas mulheres. Depois do nascimento de suas crianças, os homens continuaram trabalhando oito horas por dia ou mais, mantendo – ou até aumentando – a sua produtividade acadêmica.

Ao analisar o que acontece hoje com as mulheres mais jovens, a bióloga Vera Ferreira diz: "raramente vejo alguma aluna grávida na minha área". Ela alega que, em geral, o volume de trabalho de campo e a falta de apoio provocam adiamento da gravidez. "A última aluna que engravidou não voltou depois da defesa do doutorado. Foi uma pena, nem publicou a tese", lamenta.

COLOCAR O TEMA NA AGENDA DE DEBATE PÚBLICO E PROMOVER UMA MUDANÇA CULTURAL SÃO AS PRINCIPAIS FORMAS DE ENFRENTAR A QUESTÃO

POSSÍVEIS ENFRENTAMENTOS

Colocar o tema da maternidade na ciência na agenda de debate público e promover uma mudança cultural são apontadas pelas pesquisadoras como as principais formas de enfrentar a questão. A física Karín menciona que políticas voltadas para pesquisadores que se tornaram pais e mães, sem que ocorra uma mudança da cultura de cuidados paternos com as crianças, seriam um trunfo para alguns homens, que dedicariam o período para aumentar sua produção. De acordo com estudo publicado em 2016 por pesquisadores da Califórnia, nos Estados Unidos, os maiores beneficiários de tais políticas são os membros do corpo docente do sexo masculino. A pesquisa, conduzida com 1299 docentes de departamentos de economia classificados entre os 50 melhores nos Estados Unidos, foi publicada pelo Instituto para o Estudo do Trabalho, uma organização de pesquisa alemã.

Para Zélia, da UFJF, a cultura só muda se as mulheres estiverem conscientes de seu lugar e aumentarem as vozes nessa direção. Por isso, um de seus projetos está direcionado ao empoderamento de meninas de comunidades socioeconomicamente vulneráveis de Juiz de Fora, em Minas Gerais. Para ela, lugar de mulher é onde ela quiser, inclusive na ciência, tendo o direito de se realizar plenamente.

A bióloga Vera Ferreira defende que as mulheres precisam se unir, se apoiar e pedir ajuda umas às outras. “Criar uma rede de apoio entre amigas é fundamental”, ressalta. Ela enfatiza, no entanto, que a criação de redes de suporte entre familiares e amigos não deve excluir a ampliação dessa agenda de discussão na esfera pública.

As políticas científicas são apontadas como uma ferramenta importante para corrigir algumas dessas distorções. Para a oceanógrafa Catarina, editais que contemplem o tempo da licença maternidade, como os do Instituto Serrapilheira e o Prêmio L‘Oréal-Unesco-ABC para Mulheres na Ciência, são exemplos de ações afirmativas eficazes nessa direção.

Outro ponto destacado pelas pesquisadoras é a necessidade de um planejamento direcionado ao conciliamento entre maternidade e ciência que contemple a implementação de espaços destinados à permanência dos filhos durante o período de estudos ou trabalho, como as creches institucionais.

Para Márcia Barbosa, física e professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), ter filhos não é apenas uma questão pessoal e deve ser também encarada como responsabilidade do Estado. Atuante na pauta de ciência e gênero há muitos anos, Márcia ressalta que a união entre as mulheres impulsiona e encoraja o fortalecimento de políticas públicas voltadas para a temática. Se depender dessa união, o Festival WoW 2018 mostrou que essa frente de luta já está sendo construída. •

Representatividade da **mulher negra**

POR CATARINA MARCOLIN E
ZÉLIA MARIA DA COSTA LUDWIG
FOTOS: ZAIKA DOS SANTOS

Se o acesso de meninas e mulheres ao conhecimento científico e à carreira acadêmica oferece desafios a serem enfrentados, as dificuldades para as mulheres negras são ainda maiores

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a proporção de mulheres brancas com ensino superior completo é 2,6 maior que a de mulheres negras.

Em relação à distribuição das bolsas de treinamento e pesquisa, a participação de negros decresce à medida que se eleva o nível de formação – para ambos os sexos, e mais acentuadamente para as mulheres. Levantamento divulgado em 2015 pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) revela que o número de bolsistas negros é maior na iniciação científica, indicando resultados de políticas de inclusão racial e social, e menor no doutorado. Do total investido em bolsas de produtividade em pesquisa, 34 por cento foram destinados a cientistas mulheres – naquele ano, as mulheres negras atingiram apenas sete por cento do total de 14.040 bolsas.

Para falar sobre o assunto, entrevistamos algumas mulheres que lutam para ocupar espaços nas artes, na ciência e na tecnologia. Confira:

*

Gabi Monteiro é moradora da favela do Chapéu Mangueira, no Leme, zona sul do Rio de Janeiro. Ela é formada em design de moda pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), diretora criativa, militante estética, pesquisadora e empreendedora. Sua oficina sobre impressão 3D aplicada à produção de vestuário e ancestralidade foi um verdadeiro sucesso no Festival WoW – Mulheres do Mundo 2018. A atividade foi promovida pelo Olabi/Pretalab que promove oficinas voltadas para as relações entre as tecnologias e as artes nas mais diferentes temáticas, como cosméticos naturais, segurança digital e pensamento computacional.

Gabi, como é a oficina de impressão 3D?

Gabi: Este é um momento de primeiro contato com a tecnologia, momento também de entender que a impressão 3D não é uma coisa que está tão longe quanto, às vezes, as pessoas pensam. É algo que está próximo, portanto é interessante nos aproximarmos ainda mais, pois o uso da tecnologia nos traz muitas facilidades. Instituições como Olabi/Pretalab nos ajudam a ficar mais próximos dessa tecnologia, para que possamos desenvolver coisas novas, tenhamos um novo pensamento, uma nova perspectiva para desenvolvimento de produtos, ou para tirar qualquer ideia do papel.

Muito bacana esse projeto. Gostaria que você nos falasse um pouco sobre as relações entre a mulher negra e a tecnologia.
Gabi: Eu acho que a mulher negra ainda está pouco inserida nessa questão da tecnologia, até por conta de muitas vezes serem artifícios caros. Mas eu vejo que quando uma mulher negra acessa essas informações, isso faz muita diferença porque representa um novo ponto de vista. É importante ter pluralidade, seja de qual grupo for a pessoa, mas quando é uma mulher negra ela observa questões específicas, de maior interesse para ela, para às quais fica mais atenta.

*

Conversamos também com **Daniela Sousa Santos**, que participou da oficina de impressão 3D.

O que você acha do uso da tecnologia nesse processo de empoderamento da mulher negra?
Daniela: Isso é fascinante. São espaços e ações que não se acreditava que pudéssemos ocupar e fazer, mas ocupamos sim, mesmo de forma tímida. Poder ver e vivenciar isso, é maravilhoso!

*

Quando se fala da baixa representatividade da mulher, especialmente da mulher preta, surgem diferentes abordagens, inclusive nas ciências humanas. Enoe de Moraes, que é psicóloga e colaboradora do Núcleo de Estudos Afrodescendentes e Indígenas da Universidade Federal de Goiás (UFG), nos contou sobre a dificuldade de estudar a temática racial no âmbito da psicanálise.
Enoe: Eu acredito que essa trajetória de dedicação aos estudos, de muita luta para conseguir se dedicar e produzir ciência, já é um empoderamento em si só. Lógico que ela vem com muitas marcas, pois a gente sempre foi massacrada dentro da universidade, massacrada para conseguir chegar nos espaços. O reconhecimento do racismo é um grande problema em todas as áreas, e não seria diferente na psicologia e na psicanálise. Infelizmente é um problema mundial e que afeta institucionalmente qualquer área, qualquer campo.

*

É IMPORTANTE TER PLURALIDADE, SEJA DE QUAL GRUPO FOR A PESSOA, MAS QUANDO É UMA MULHER NEGRA ELA OBSERVA QUESTÕES ESPECÍFICAS, DE MAIOR INTERESSE PARA ELA

Gabi Monteiro

> Leia o QR code e ouça o podcast

A JOANA É UMA GRANDE TRANSFORMADORA DE REALIDADES. ELA TRANSFORMOU A PRÓPRIA REALIDADE E A DE MUITAS OUTRAS PESSOAS. E VOCÊ? JÁ DESCOBRIU O QUE PODE FAZER PARA INFLUENCIAR A REALIDADE QUE NOS CERCA?

>Leia o QR code e ouça o podcast

Exemplos como o de **Joana D'Arc Félix de Souza**, professora e pesquisadora, são simplesmente de tirar o fôlego. Formada em química pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), ela já estudou em Harvard, nos Estados Unidos, e hoje coleciona prêmios por desenvolver projetos de iniciação científica com jovens em situação de vulnerabilidade – envolvidos com drogas ou prostituição – em Franca, no interior de São Paulo.

Como podemos mudar a realidade do professor para que ele se torne um multiplicador disso que você faz?

Joana: Olha, uma coisa que eu percebi ao longo da minha trajetória, que é muito desagradável, é o professor com preconceito de alunos devido à sua condição social, financeira, religiosa. Os professores, muitas vezes, têm que ser desconstruídos e reconstruídos para aceitar fazer um trabalho desse, porque não é qualquer um que aceita trabalhar com uma pessoa que está envolvida com prostituição ou com tráfico de drogas. Quando eu comecei a fazer esse trabalho na minha escola eu fui muito criticada. Você tem que acreditar.

AFROFUTURISMO NO WoW

Afrofuturismo no WoW é uma proposta de divulgação científica publicizada através de um site com conteúdos em vídeo, podcasts e fotografia, idealizada e realizada por Zaika dos Santos, multiartista e pesquisadora afrofuturista

A iniciativa foi produzida no âmbito da oficina Mulheres na Ciência, realizada pelo British Council em parceria com o Museu do Amanhã. Zaika participou, junto com mulheres de diversos estados brasileiros, da capacitação em divulgação científica cuja tarefa foi registrar momentos relacionados com a temática da ciência e da tecnologia no Festival WoW – Mulheres do Mundo 2018.

A proposta de Zaika foi contextualizar o conceito e a forma do afrofuturismo conectando passado, presente e futuro através da arte, ciência, tecnologia e inovação africana e afrodescendente pela perspectiva de mulheres negras.

O afrofuturismo traz uma mistura entre a ancestralidade africana e as tecnologias atuais, bem como a criação de narrativas que visibilizam o protagonismo negro. O movimento ganhou ênfase no contexto norte-americano em diferentes gêneros: o musical, a partir do músico e compositor Sun Ra; o literário, com Octavia E. Butler, escritora de ficção científica, e Mark Dery, autor do ensaio intitulado *Black to the future*; e o cinematográfico, com o blockbuster *Pantera negra*.

De acordo com Zaika, “emergem dúvidas sobre a ficcionalidade e a realidade do conceito afrofuturismo”. Em sua pesquisa acadêmica, Zaika busca evidenciar a potencialidade desse conceito sobre a historicidade negra no âmbito prático e real — que, segundo a autora, foi invisibilizada pelo período escravocrata/colonial. Para tanto, ela se debruça sobre acervos de museus históricos como o Museu Afrobrasil (SP), o Museu Artes e Ofícios (MG) e o Museu das Minas e do Metal (MG), e sobre obras de cientistas e pesquisadores negros, dentre eles Carlos Machado, autor do livro *A história da ciência, tecnologia e inovação africana e afrodescendente*.

em diversas áreas do evento a partir do tema Afrofuturismo - Arte, Ciência e Tecnologia. Para os registros fotográficos e audiovisuais, a autora criou esculturas e um conceito estético com relações imagéticas e contemporâneas, propondo que os participantes utilizassem essas peças. As conversas e imagens partiram de perguntas ativadoras:

O que sabemos sobre arte, ciência, tecnologia e inovação africanas e afrodescendentes?

O que é afrofuturismo para você? •

"Será que Wakanda [nação fictícia do filme *Pantera negra*] existe?", indaga Zaika. Para responder a essa pergunta, ela traz reflexões contidas em sua pesquisa acadêmica: "Dialogando diretamente com historiadores e curadores africanos, descobri que Wakanda é um termo que existe na língua kikongo, que é uma língua falada fluentemente na África Central e do Sul, sobretudo em alguns países da região dos grandes lagos. Ela pertence ao grupo etnolinguístico kôngo e, consequentemente, é da família linguística bantu, nascida nos moldes da árvore linguística níger-congo. Wakanda, na língua kikongo, significa 'o que é nosso por direito'", explica.

Além de ser tema de sua pesquisa, investigar a ficcionalização do conceito do afrofuturismo e outros silenciamentos históricos em relação ao negro foi uma motivação para o trabalho de Zaika durante o festival. Ela conversou com 20 mulheres e um homem negros — entre pesquisadores, cientistas, artistas, produtores e lideranças de organizações — que trabalhavam

Confira o site e saiba mais sobre o projeto:

https://zaikadosantos7.wixsite.com/afrofuturismowow

UM LUGAR ENTRE AS ESTRELAS

POR VANESSA BRASIL
ILUSTRAÇÃO: ANDRESSA MEISSNER

Astrônoma e astrofísica, Duília Fernandes de Mello é uma das cientistas brasileiras mais reconhecidas internacionalmente

Em seus 25 anos de carreira, já publicou quase 100 artigos científicos, além do livro *Vivendo com as estrelas* (Panda Books, 2009), em que narra um pouco de sua biografia. Entre as suas principais descobertas estão a supernova SN1997D e as chamadas "bolhas azuis" – aglomerados de estrelas que ficam fora das galáxias –, esta última considerada por Duília como uma das suas pesquisas mais importantes nos últimos anos. A relevância da sua produção acadêmica e a sua importância para a pesquisa científica nacional foram reconhecidas nos últimos anos – ela foi escolhida como uma das 10 mulheres que mudam o Brasil pelo Barnard College da Universidade de Columbia, nos Estados Unidos, em 2013; e foi premiada pela revista *Época* como uma das 100 pessoas mais influentes do Brasil, em 2014. Atualmente, é vice-reitora da Universidade Católica da América em Washington DC, nos Estados Unidos, mantendo uma parceria de longa data com a Agência Espacial Americana (Nasa), onde atuou em projetos envolvendo o satélite Hubble.

QUAL FOI O PONTO MAIS ALTO DA SUA CARREIRA?

DUÍLIA: Eu faço ciência há 25 anos, e foram vários os momentos cruciais para o desenvolvimento da minha carreira. Eu particularmente gosto muito de um tema, do que eu chamo de "bolhas azuis" [aglomerados de estrelas que estão fora das galáxias, em colisão, e que se encontram a 12 milhões de anos-luz da Terra. Foram detectadas pela primeira vez em 2008]. Essa descoberta que fizemos seguiu o método científico da forma como se aprende na escola – você faz uma pergunta inicial, desenvolve uma teoria, faz experimentos e publica os seus resultados e as suas conclusões. Muitas vezes você se espanta e fica emocionada com os resultados, que são então passados para outras gerações de cientistas. Eu acho que esse é o projeto mais bonito que eu já fiz. Ele começou em 2008 e segue até hoje, com muitos artigos publicados. Eu o considero o maior feito da minha carreira.

O QUE ESSE PROJETO MUDOU NA SUA VIDA?

DUÍLIA: Quando há um projeto que você suspeita que é importante, que vai dar resultados, você tem que insistir, por exemplo, para conseguir financiamento. Eu tentei algumas vezes, até que um dia a Nasa me deu 250 mil dólares. Demorou para conseguir, foi suado, mas no final, quando eu recebi a carta dizendo que o projeto havia sido aprovado, foi o reconhecimento de que ele era importante e de que valia a pena investir tempo nele. O impacto na minha carreira foi muito grande. Foi também o momento em que eu saí um pouco da Nasa e fui para a universidade para trabalhar com os estudantes, passar o conhecimento adiante e desenvolver o projeto.

QUE TIPO DE DIFICULDADE VOCÊ JÁ ENFRENTOU NA SUA TRAJETÓRIA?

DUÍLIA: Em alguns momentos ao longo da carreira refletimos sobre o porquê de estarmos fazendo aquilo. Ficamos tão envolvidos com os detalhes do projeto que às vezes acabamos esquecendo da beleza da ciência, da astronomia, do universo. Eu passei por alguns momentos assim e acho que todo cientista passa por isso. Trata-se de algo sobre o qual eu tenho falado bastante atualmente. Uma hora a paixão acaba, e se o que você sente por aquilo que está fazendo não se transformar em amor, não vale a pena continuar. Mas se você descobrir que é amor de fato, compensa continuar investindo nele. O amor pela carreira, assim como qualquer outro tipo de amor, também tem que ser cultivado. Às vezes parece que o jardim do vizinho é sempre mais verde, mas não é assim; a carreira é difícil para todo mundo e a questão é a perseverança. Se em algum momento você pensar em desistir, é necessário fazer um balanço para ver se aquele é o caminho. Você pode desistir para depois reconquistar. E foi o que aconteceu comigo, em um determinado momento eu desisti da astronomia e depois voltei. E voltei melhor, mais forte, para fazer exatamente o que eu queria. É preciso passar pela catarse.

ESSE MOMENTO AO QUAL VOCÊ SE REFERIU, DA DESISTÊNCIA, FOI O MAIS DESAFIADOR DA SUA CARREIRA?

DUÍLIA: Ah, com certeza foi. Eu fazia doutorado na época e desisti. Mandei uma cartinha para a Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e falei: "não quero mais essa bolsa, não. Chega.". Eu estava nos Estados Unidos. Mas depois eu voltei e foi tão melhor! Porque eu entendi o motivo pelo qual havia desistido, que eu não estava fazendo o que queria fazer. De qualquer forma, eu me senti derrotada. A questão, no entanto, é recolher os caquinhos e se reconstruir. E foi o que eu fiz. Houve momentos desafiadores dentro da minha carreira também, pois tem sempre alguém para te botar para baixo. Mas vale lembrar que não acontece só com a gente, acontece com os homens também. Meu marido é cientista, eu sei. Às vezes eu conto para ele situações pelas quais estou passando e ele fala: "Duília, isso acontece com os homens também". A diferença é que eles não verbalizam, não demonstram. E sobre recolher os caquinhos, é importante que se tenha amigos, que se tenha mentoria mesmo. Eu tive. Na época, quem me ajudou foi um alemão, que me deu a oportunidade e que me ajudou a levantar a minha carreira de novo. Às vezes, a ajuda está em quem você menos espera.

ÀS VEZES PARECE QUE O JARDIM DO VIZINHO É SEMPRE MAIS VERDE, MAS NÃO É ASSIM; A CARREIRA É DIFÍCIL PARA TODO MUNDO E A QUESTÃO É A PERSEVERANÇA

VOCÊ MUDARIA ALGUMA COISA NA SUA CARREIRA?

DUÍLIA: Não. Acho que eu tive que passar por todas as etapas da minha carreira para poder ser o que eu sou, é difícil tirar uma parte. É como uma cicatriz, que já é parte do seu corpo e que fez parte do seu crescimento também.

QUANDO OLHA PARA A SUA TRAJETÓRIA VOCÊ PENSA "EU ESTOU ONDE EU QUERIA ESTAR" OU AINDA FALTA ALGO?

DUÍLIA: A nossa carreira passa por etapas. Primeiro você é uma professora assistente, depois uma professora associada... Quando eu virei professora titular, pensei: "e agora?". Foi aí que o [Donald] Trump foi eleito presidente dos Estados Unidos e eu decidi que me envolveria com a liderança em educação no país. Hoje eu sou vice-reitora na universidade e quero virar reitora, presidente, tudo que eu puder ser dentro do sistema educacional norte-americano. Ou mundial. Agora eu estou em um cargo de liderança acadêmica, mas já mudei muito.

QUE MENSAGEM VOCÊ DEIXARIA PARA AS JOVENS CIENTISTAS BRASILEIRAS?

DUÍLIA: Este é um momento muito difícil para o Brasil e para o mundo de forma geral. Mas eu acho que é preciso descobrir a paixão e investir nela, depois ter certeza que ela vai virar amor. Não pode deixar a negatividade atrapalhar o foco, tem que ir devagar e sempre. O cenário vai melhorar. É preciso investir no agora, porque logo vem uma fase melhor.

MULHERES QUE GOSTARIA QUE ESTIVESSEM AQUI

POR ALICE MARTINS MORAES, BÁRBARA PAES E RAFAELA LOPES FALASCHI
ILUSTRAÇÃO: ANDRESSA MEISSNER

Um festival, celebrando as mulheres pelo mundo, agregando milhares de histórias, desejos e sonhos – esse foi o clima do **Festival WoW – Mulheres do Mundo 2018**

Conversamos com algumas das mulheres que estavam por lá e fizemos a mesma pergunta para todas: quem elas gostariam que estivesse ali, naquele festival, naquele momento? Conheça, por meio dos depoimentos, algumas das mulheres que participaram do evento, as que foram lembradas e aquelas cujas ausências foram sentidas.

Lélia Gonzalez. Foi uma grande intelectual negra, brasileira, que produziu muitas obras importantes inclusive para questionar o conceito de ciência europeu, branco, masculino. Teve a coragem de enfrentar essa mentalidade epistemológica na academia, e produziu o pensamento de mulheres negras muito potentes. Ela com certeza ficaria muito feliz de ver este momento, que ela ajudou a criar, sobretudo para a geração de mulheres negras que vieram depois.

Djamila Ribeiro

Para o público brasileiro **Diva Guimarães**, uma mulher que no ano passado se levantou e falou da sua história de existência. É uma ativista de 70 anos que, contra todas as expectativas, conseguiu estudar, ser professora, e que de repente numa plateia elitista de literatura brasileira e mundial, se levantou e se tornou um grande símbolo da Flip [Festa Literária Internacional de Paraty] no ano passado. É uma mulher maravilhosa, incrível, mostrou coragem, chegou para falar e ser ouvida.

Joana Gorjão Henriques

Para mim seria a **Luzia**, atualmente crânio, a mulher latino-americana mais antiga encontrada. Muito porque, dentro da ciência, precisamos desmistificar um pouco essa ideia de objeto e passar a pensar sobre as mulheres, as pessoas, os gêneros, tudo, dentro de um contexto de ação, e não apenas de observação e estudo sobre aquilo. Hoje, a Luzia tem esse status de fóssil mais antigo encontrado na América Latina, e ela é muito estudada, e teve um ano difícil! Acho que ela merecia parar de ser objeto de estudo e ser dona da sua história.

Dríade Aguiar

Eu dedicaria este momento à **minha mãe**, uma mulher de 96 anos, semianalfabeta, que preparou todo meu caminho. Dedicaria este momento também a duas intelectuais negras que nos deixaram, mas que tiveram grande influência na minha formação: **Lélia Gonzalez** e **Beatriz Nascimento**.

Conceição Evaristo

Uma mulher que eu invocaria para estar aqui seria a **Marielle** [Franco], em nome de todas as violências. Tenho certeza que ela merecia estar aqui com a gente e, como não está, ela vive presente em todas nós, então Marielle está presente aqui neste festival certamente.

Ana Paula Xongani

Uma mulher que eu invocaria, que eu ficaria muito feliz se estivesse aqui, e que eu acho que ela também gostaria, é a **Chimamanda** [Ngozi Adichie]. Acho que ela é o nome que me inspira agora, neste momento.

Angélica Ferrarez

Eu gostaria de trazer a [Amalie] **Emmy Noether**. Está fazendo 100 anos do teorema da Emmy Noether, que é uma alemã, judia, que desenvolveu seu teorema durante a Primeira Guerra. Ela teve que trabalhar sem ganhar salário, depois foi expulsa, e ela fez tudo isso e conseguiu fazer um teorema, insistiu e conseguiu emprego, insistiu e conseguiu o lugar dela. Quando foi para os Estados Unidos, ficou subempregada e depois conseguiu um emprego em uma boa universidade. Nós estamos precisando de muitas Emmy Noether aqui. Mulheres que insistem, continuam e lutam. Ela teve um he for she, [David] Hilbert, que era um dos professores da época que a apoiou muito. Ela teve um she for she também, que foram umas professoras que conseguiram movê-la de um college miserável nos Estados Unidos para Princeton. Estamos precisando muito de união entre as mulheres, entre os homens e mulheres que ficaram, precisamos desse espírito Emmy Noether de volta para a gente.

Márcia Barbosa

Lélia Gonzalez. Eu acho que ela foi uma pioneira no estudo de gênero de mulheres negras aqui no Brasil. Ela é um marco teórico para muitas mulheres que hoje em dia estão aqui. Ela abriu muitas portas, falou uma língua diferente, cunhou coisas que não eram cunhadas antes, dentro da academia, e eu acho que hoje, se ela estivesse viva, seria um nome muito importante, seria engrandecedor para todas nós.

Larissa Couto

“Eu traria minha filha, **Isabela**, que é minha grande inspiradora para tudo, que me dá uma força com as tecnologias de empoderamento para as meninas.”

Zélia Ludwig

“Eu vou mencionar três pessoas que são importantes. Primeiro, a **Marielle**, que sem dúvida deveria estar aqui. A escolha do Rio de Janeiro [para a realização do evento] foi fantástica, o Rio agradece muito. Então eu acho que tem tudo a ver, por uma situação óbvia, de não resolução até o momento [do assassinato de Marielle]. Com certeza, ela estaria muito agradecida e envaidecida, no bom sentido, pois a Maré está envolvida e ela não poderia ficar de fora. Uma segunda pessoa que eu gosto muito é a **Ivone Lara**. Ela era à frente do seu tempo, teve uma participação muito importante no samba. Eu tenho até um relato rápido a fazer. No dia em que morreu a Ivone, eu fui na alvorada da igreja de São Jorge, onde eu sempre vou. O padre deu bom dia e falou: “Antes de começar a alvorada, eu gostaria de homenagear uma pessoa muito especial, que nos deixou há pouco tempo”, e começou a cantar: “sonho meu, sonho meu...”. Imagina, em uma igreja católica! Aquilo foi sensacional, todo mundo cantando baixinho. A terceira pessoa, é a minha sobrinha, a **Ludmila Almeida**. Ela fez sociologia, é professora de dança afro, mestre em capoeira, tem todo um trabalho voltado para a cultura.”

Maria José Lopes Lima (Zezé)

“Eu gostaria que **minha avó** estivesse aqui, para ela perceber o quanto a força, as vivências dela e as lutas dela enquanto mulher são importantes, relevantes e inspiradoras.”

Annie Oliveira

“Seria importante que a **Clátia Vieira** estivesse aqui, que é uma das coordenadoras do Fórum Estadual das Mulheres Negras. Eu acharia importante que aquelas mulheres, donas de casa estivessem aqui também. Seria importante que as mulheres que têm aqueles serviços mais básicos estivessem aqui, porque eu acredito que esses espaços precisam ser popularizados. Infelizmente ainda estão presentes sempre as mesmas pessoas, mesmas caras em eventos como este, mesmo sendo um evento internacional.”

Cláudia Vitalino

“

Eu traria todas as minhas vizinhas do morro do **Chapéu Mangueira**. Eu não tinha pensado nisso, na verdade. Essa pergunta é muito boa, porque eu sou favelada e muitas vezes, por mais que eu seja de lá, muitas das coisas que eu faço, como trabalhar com impressão 3D, acabam não atingindo as pessoas que estão ao meu redor. Eu gostaria muito de atingir essas mulheres, os homens também. Neste momento tão nebuloso em que estamos, politicamente falando, como podemos tocar um homem através da troca? Hoje aqui eu trouxe o nome de uma mulher, que se chama **Dona Santa**, que foi uma liderança do Maracatu Elefante, uma mulher negra, forte, que ninguém conhece. ”

Gabi Monteiro

“

Se pudesse eu traria a **Joana D’Arc**, que viveu no passado. Sou admiradora do trabalho dela, porque ela falava que, para a mulher, nada é impossível. Coincidentemente eu tenho o mesmo nome dela. Meu pai disse que tinha visto aquele nome na televisão, escreveu em um papel e guardou na carteira dele. Ele gostava daquele nome. Eu admiro muito! Se pudesse trazer hoje, eu a traria para mostrar para as pessoas a força dela, que já vi em filme, já li em livros. A força dela é uma coisa que eu acho que tinha que passar para as mulheres de hoje em dia. ”

Joana D’Arc Félix de Souza

“

Eu sempre penso nas mulheres negras, nas mulheres que constituem a minha vida. Uma mulher que infelizmente não está mais presente no nosso mundo físico hoje, mas que eu gostaria muito que estivesse aqui, seria a minha avó, **Maria do Carmo**. Eu acho que ela contribuiria muito com a sua trajetória, sua experiência de vida, com as suas escrevivências também, pegando o conceito da escritora **Conceição Evaristo**. Eu sinto que essa força, essa potência das mulheres, de todas essas mulheres incríveis aqui, de diferentes áreas, também influenciaria muito na vida dela, sabe. E como eu não consigo trazer a minha avó que não está mais presente, eu trarei a minha mãe, que no caso é a filha dela. Tenho certeza que [o evento] vai proporcionar outras experiências de mundo pra ela. Minha mãe se chama **Elizabete**. ”

Stephane Marçal

> Leia os QR codes e ouça os podcasts:

Referências intelectuais

Referências emocionais

Referências sociais

DIÁRIO DE BORDO

ILUSTRAÇÃO: ANDRESSA MEISSNER

Os desafios, as inspirações e as trajetórias de mulheres no universo da ciência perpassam todo o conteúdo desta revista

Os textos trazem as discussões que aconteceram ao longo do Festival WoW – Mulheres do Mundo 2018, captadas e registradas pelos olhares atentos e mentes borbulhantes das 15 mulheres que participaram da oficina de divulgação científica realizada pelo British Council em parceria com o Museu do Amanhã, nos dias que antecederam o festival.

O evento foi muito além da capacitação em comunicação de ciência e despertou nessas mulheres inquietações e reflexões que as acompanharão ao longo de suas próprias trajetórias. Que os depoimentos abaixo provoquem em você também essa mudança.

ALESSANDRA BRANDÃO

Minha trajetória acadêmica e a minha atuação como docente na universidade contribuíram imensamente para minha formação como jornalista de ciência. Porém, eu havia me afastado do dia a dia da produção [jornalística], já que atuo em um departamento de física e tenho trabalhado com temas mais próximos das linhas de pesquisa dos meus colegas, como o ensino de ciências. Nos últimos anos, contudo, senti a necessidade de ajustar as coordenadas da navegação e retornar ao meu lugar de origem – a divulgação da ciência. [...] Quando tomei conhecimento do edital do British Council [para o treinamento em divulgação científica], meu coração saltou de alegria pela possibilidade de fazer parte de algo tão interessante. A notícia da seleção foi recebida por mim com um grande entusiasmo. [...] Bem, o desafio estava posto! [...] Gratidão pela partilha... e viva a mulher na ciência!

ALICE MARTINS MORAIS

A internet encurtou os espaços, mas ainda assim, nós, que somos da região Norte, sentimos na pele as desigualdades de oportunidades. Participar de um treinamento [em divulgação científica] e de um festival internacional presencialmente é uma experiência inovadora e transformadora que eu, uma jornalista amazônida, levarei para minha vida. Conheci mulheres que pensei que só veria nos livros e notícias, e tantas outras que nunca teria conhecido. Cientistas, ativistas, pensadoras incríveis me fizeram conhecer mais e ao mesmo tempo me questionar. Sem dúvidas, senti o desconforto que nos foi proposto no primeiro dia de capacitação. Desconforto com o mundo refletido em uma vontade de encorajar a mudança, mesmo em tempos sombrios; desconforto comigo mesma para terminar a pós-graduação e ir muito além; desconforto em não aceitar o status quo e descobrir mais lugares, mais pessoas e criar novos projetos.

BÁRBARA PAES

As oficinas com as crianças, em que se discutiram gênero e estereótipos, foram para mim uma verdadeira experiência antropológica. Uma das crianças, Ana, de 10 anos, me marcou, porque eu fiquei com vontade de fazer mais por ela. Fiquei me questionando o que estava ao meu alcance. E entendi que o evento [Festival WoW] feito por mulheres, para mulheres, falando

de mulheres foi um passo de construção de redes para que façamos muito ainda, por muitas Anas por aí. Empoderar, ensinar e promover esses encontros renderá muitos frutos, que esperamos que atinjam o máximo de meninas possível.

CATARINA MARCOLIN

Muito sabiamente, a incrível Samia Abreu, cordelista de apenas oito anos, nos alertou na cerimônia de abertura: "com autoestima baixa, toda a vida perde a lógica". Além de encher nossos corações de esperança, ela nos mostrou que essa nova geração é poderosa. Mas não podemos deixar para as novas gerações o que podemos fazer agora. Afinal de contas, são "as ações de hoje que produzem nosso amanhã", como nos lembra a todo momento esse lindo museu que nos acolheu todos esses dias.

ÉRICA DE MELLO SILVA

As oportunidades que se abrem com a divulgação científica podem trazer inúmeros benefícios pessoais e institucionais. Atuo no interior do Brasil e sei o quanto parcerias com instituições como o British Council são importantes para a geração de capacidades e de lideranças. Em se tratando da temática mulheres na ciência, essa é uma pauta urgente. [...] A interação com as demais participantes foi muito enriquecedora. Cada uma trouxe um pouco de seu universo pessoal, crenças e motivações para fazer divulgação científica. Ficou claro que nosso objetivo comum é o fortalecimento das mulheres e a ampliação de oportunidades para meninas e mulheres na sociedade, em particular na ciência – e sentir essa sinergia nas discussões foi muito bom. Estou feliz por fazer parte dessa rede de atuação tão única. Considero que eventuais choques de geração ou culturais são sempre oportunidades de aprendizado.

Assista Samia Abreu declamando o cordel "Lei Maria da Penha" no **Festival WoW – Mulheres do Mundo 2018**

GABRIELA NESTAL DE MORAES

Fazer a cobertura do evento [Festival WoW], do ponto de vista jornalístico, foi um dos maiores desafios, para mim. [...] Parecia bem mais fácil escrever um manuscrito sobre oncologia e resistência à quimioterapia. Permitir um distanciamento estratégico e isento dentro de um assunto tão pessoal e próximo, "maternidade e ciência", quase me fez declarar conflito de interesses. Mas tive a companhia de duas grandes mães e cientistas na cobertura dessa pauta tão relevante e na construção da melhor forma de abordar a temática e gerar o material.

HINGRID YARA

O evento como um todo foi intenso e emocionante, foi muito mais do que ousei esperar. A sementinha do incômodo foi plantada. Para que haja movimento é preciso sair da inércia, então já demos o primeiro passo. Saio dessa experiência com esse desconforto e desejo de mudança, mas também com um quentinho no coração por ter me encontrado em outras mulheres, me reconectado comigo mesma e com o mundo. Saio reenergizada para seguir em frente, seja por velhos caminhos ou por novas aventuras.

JANAÍNA DUTRA

No festival [WoW], encontrei um ambiente de troca e partilha muito mais rico e muito maior que qualquer pauta. A realidade transbordou a expectativa. A troca aconteceu com as mulheres estrelas da programação e especialmente com as colegas do grupo [do treinamento em divulgação científica]. [...] Levo dessa vivência a potência da ação, mesmo que localmente, já pensando no que posso contribuir na área científica partindo da minha posição de atuação. Pretendo levar por toda a minha vida o espírito e o poder das redes de trabalho, especialmente entre mulheres.

RAFAELA LOPES FALASCHI

Me quebrei e me remendei com histórias e vivências de muitas, com reflexões e questionamentos de outras. Não sou mais a mesma. [...] Vi que quando nos tornamos conscientes dos problemas ao redor e discutimos alguns assuntos várias vezes, alguns "detalhes" passam a piscar aos nossos olhos em neon. [...] Saio dessa oportunidade pensando em concretizar ideias. Em aprimorar abordagens. Em fortalecer redes. [...] Que tenhamos mais momentos WoW Brasil adentro, buscando algo em comum entre nós e nos fortalecendo. [...] Temos que frutificar ideias e ações. E regar todas essas meninas-broto que estão por aí só precisando de uma referência positiva. E eu conheci, pelo menos, vinte dessas mulheres-referência naquela semana.

REBECA BAYEH

Vivencio a dor de ser uma "third culture kid", filha de libaneses nascida no Brasil que sou, e de lidar com questões persistentes de identidade. Ter a oportunidade de conhecer mulheres tão diversas e que têm tanto a ensinar foi transformador, porque me mostrou um universo de diferenças, semelhanças, identidades, todas admiráveis e inspiradoras, que me auxilia a consolidar tudo o que sou em minha complexidade e intensidade. [...] Volto para casa com a tranquilidade de estar dando minhas contribuições ao mundo de um jeito que me inspira e me move, e com a certeza de que não estou sozinha na batalha diária, ora sutil ora escancarada, sempre dolorosa e sempre gratificante, de transformar este mundo em um lugar que também é nosso.

RENATA FONTANETTO

Como jornalista e amante de listas, resolvi escrever sobre seis momentos em que pude aprender com todas as colegas do treinamento em divulgação científica e as participantes do Festival WoW – Mulheres do Mundo. As lições não são novas, mas volta e meia a vida faz questão de nos lembrar delas:

1) Local de fala – é preciso fazer valer a voz; melhor que qualquer outro recurso, a voz conta a todos de onde viemos, o que sabemos e o que pensamos.

2) Local de escuta – tão importante quanto falar é saber o momento de silenciar e ouvir. É preciso ouvir os que pensam igual a mim e as pessoas que pensam diferente.

3) Escrever e se perguntar: por que eu divulgo ciência, faço jornalismo e defendo a igualdade de gênero?

4) Se a sociedade é machista e racista, a ciência vai refletir isso.

5) Questione, duvide, ouse ser a pessoa chata que impede que uma injustiça se perpetue.

6) Há muitas lutas, você não aguentará todas. Um passo de cada vez, sempre em frente e em rede.

ROSSANA SOLETTI

Somos julgadas o tempo todo por nossas escolhas, somente pelo fato de sermos mulheres – e, depois da maternidade, os julgamentos mais do que duplicam. Vir a esse festival e ter a "coincidência" de poder conversar com diversas cientistas sobre os desafios de conciliar maternidade e carreira não poderia ser mais adequado. [...] O Festival [WoW – Mulheres do Mundo] abriu minha mente em vários aspectos. Senti o poder da minha ignorância, por não conhecer alguns dos temas abordados e por nunca ter imaginado situações às quais muitas mulheres, infelizmente, são brutalmente expostas. [...] Tenho agora mais mulheres para admirar, novas amigas e, espero, futuras parceiras de projetos. Acredito que muitas dessas mulheres empoderadas saem daqui com a missão e a necessidade pessoal de lutar por suas causas e reverberá-las para toda a sociedade. Comigo não é diferente.

VANESSA BRASIL

Como jornalista e divulgadora da ciência, ouço sempre histórias das dificuldades no contato com cientistas nesse processo de "traduzir" informações. Esse processo entre jornalistas e cientistas do programa Mulheres na Ciência, pelo contrário, foi um trabalho coletivo, no qual todas as partes foram ouvidas e houve concessões de ambas as partes. Penso que o fato de sermos todas mulheres e termos uma proposta coletiva em prol da ciência talvez tenha contribuído para esse movimento de compreensão mútua e trabalho em conjunto.

ZAIKA DOS SANTOS

Ao pensar em todo apagamento dentro da história da ciência de povos originariamente africanos e afrodescendentes, entendo qual é a minha missão enquanto divulgadora/pesquisadora/multiartista/cientista. Por mais que seja uma missão complexa, não fujo dela. [...] Complexa, sincera, simples, direta e evidenciando toda hegemonia do apagamento descrito na ciência, assim acompanhei os conteúdos da formação [em divulgação científica]. Falando do meu lugar de falar, localizando minha identidade e representatividade na fala, conheci muitas mulheres maravilhosas, trocamos muito e eu percebi atentamente que o conteúdo que eu abordava não era conhecido pela maioria delas — mesmo assim segui compartilhando.

ZÉLIA MARIA DA COSTA LUDWIG

Esse evento foi um marco na formação de novas competências [em divulgação científica] e na consolidação de velhas redes de colaboração e divulgação de mulheres cientistas. Percebi que essa rede servirá para dar apoio e suporte para as mulheres com uma proposta de compartilhamento de ideias, tecnologias, conquistas que envolvem questões de gênero, raça, maternidade. O bom é que tudo foi feito junto e misturado com mulheres com diferenças na sua essência, backgrounds, problemáticas e tudo que faz parte do universo feminino. •

WOMEN
IN SCIENCE

BRITISH COUNCIL

O British Council é a organização internacional do Reino Unido para relações culturais e oportunidades educacionais

CREATING OPPORTUNITY WORLDWIDE

Atuamos em parceria com governos, universidades, escolas, organizações da sociedade civil e empresas para fortalecer os laços entre o Reino Unido e os mais de 100 países nos quais estamos presentes. No último ano, alcançamos 758 milhões de pessoas no mundo todo, trabalhando diretamente com 75 milhões de indivíduos.

No Brasil, nossos programas incentivam a pesquisa e colaboração científica, a internacionalização da educação, o ensino e a avaliação da língua inglesa, além do desenvolvimento da cidadania ativa, das artes e da economia criativa com impacto social. Entre em contato conosco para saber mais.

www.britishcouncil.org.br